

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO/PUC-SP
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS e ARTES
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS GRADUADOS
EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

**Cruzes em Copacabana: a cena midiática das manifestações de protesto
na praia mais famosa do Brasil**

Wagner Corrêa

Linha de Pesquisa: Cultura e Ambientes Midiáticos

Orientadora: Prof. Dra. Jerusa Pires Ferreira

Mestrado

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO/PUC-SP
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS e ARTES
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS GRADUADOS
EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

**Cruzes em Copacabana: a cena midiática das manifestações de protesto
na praia mais famosa do Brasil**

Wagner Corrêa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação e Semiótica, linha de pesquisa Cultura e Ambientes Midiáticos, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Jerusa Pires Ferreira, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Mestrado

2014

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo apoio em meu retorno à Universidade.

À minha mulher e minha filha, “minhas italianas”, que me motivam a seguir sempre em frente.

Ao professor Rogério da Costa e à toda turma de seu curso Seminário de Pesquisa do segundo semestre de 2012, pelo entusiasmo ao se depararem com o tema desta investigação.

À Bia Ramsthaler, colega de curso (um encontro com ares de reencontro), que me ajudou em vários momentos.

À Jerusa Pires Ferreira, artista e intelectual... Uma estrela em progresso.

“Chove no mar.

Ao mar o que é do mar

e que as herdades sequeem”

Octavio Paz. (fragmento 1 do poema *Frente ao mar*)

RESUMO

Esta análise tem por objetivo investigar as manifestações de protesto por meio de cruces que ocorrem na Praia de Copacabana. Os eventos, organizados a partir da década de 2000, não contam com a presença de manifestantes, destoando da forma tradicional de protesto, que envolve aglomeração de pessoas, faixas com mensagens, palavras de ordem e interrupção de fluxos. ONGs, entidades de classe e grupos de civis são os responsáveis pela organização das manifestações, que sempre conseguem espaços na mídia. Buscaremos as origens desse formato de protesto e sua relação com o espaço onde ele ocorre. Levantaremos também um histórico da Praia de Copacabana, levando em consideração a dialética entre as pulsões de vida e de morte de alguns de seus símbolos mais importantes. Analisaremos ainda a dinâmica de ritual embutida no cotidiano do espaço, os aspectos subjetivos pertinentes às práticas políticas e religiosas exercidas em um local que propaga a imagem utópica de lugar perfeito no mundo todo. A questão central desta investigação é descobrir por que esse tipo de manifestação, que pouco tem a ver com a característica hedonista local, consegue chamar a atenção. As hipóteses nos levam a crer que a Praia de Copacabana é uma mídia de grande potencial e as manifestações por meio de cruces referem-se a um modelo de encenação. Para embasar esta análise utilizaremos vasta bibliografia de autores como Michel Foucault, Paul Zumthor, Mikhail Bakhtin, Iuri Lotman e Manuel Castells.

Palavras-chave: cruces; manifestações; protesto; Copacabana; mídia.

ABSTRACT

This analysis aims at investigating the protests through crosses that occur on Copacabana Beach. The events, organized from the 2000s, do not rely on the presence of protesters, diverging from the traditional form of protest involving overcrowding, banners with messages, slogans and interrupt flows. NGOs, associations and civic groups are responsible for organizing the demonstrations, which always manage spaces in the media. It seeks the origins of this form of protest and its relation to the space where it occurs. It will also raise a history of Copacabana Beach, taking into account the dialectic between the meanings of life and death of some of its most important symbols. Furthermore, the work analyzes the dynamics embedded in the daily ritual space, the subjective aspects relevant to political and religious practices conducted in a location that propagates the utopian picture of the perfect place. The core question of this research is to find out why this type of event that has little to do with local hedonistic feature can attract attention. The assumptions lead us to believe that Copacabana Beach works as a media of far-reaching impact where the protests by crosses are staged. To support this analysis we use extensive bibliography of authors such as Michel Foucault, Paul Zumthor, Mikhail Bakhtin, Yuri Lotman and Manuel Castells.

Keywords: crosses; demonstrations; protest; Copacabana; media.

SUMÁRIO

Introdução	08
Capítulo 1 - O palco do espetáculo	10
1.1. Entalhes miméticos	10
1.2. Cartografias em transe	12
1.3. Diglossias Culturais	18
1.4. O areal	20
1.5. O palco moderno/miscigenado	22
1.6. O palco sangrento	23
1.7. Encontros, fluxos e refluxos	26
1.8. Palco midiático	28
Capítulo 2 – Mobilização das massas	34
2.1. Consciência do indivíduo	34
2.1.1. O dever e o homem solitário	36
2.2. Psicologia: indivíduos X massas.....	37
2.2.1. A identidade das massas.....	38
2.3. Características das massas.....	41
2.3.1. Propriedades das massas	42
2.3.2. Classificação das massas	43
2.4. Massas históricas	45
2.5. Novos atores.....	58
Capítulo 3 - Cruzes	62
3.1. Significados das cruzes	62
3.2. Símbolos sagrados	70
3.3. Reciprocidades	78
3.3.1. Mise-en-scène	85
Conclusões finais	90
Bibliografia	91

INTRODUÇÃO

Sempre digo que uma visita ao Rio de Janeiro que não inclua uma passagem pela praia de Copacabana, torna a viagem incompleta. Desde sua urbanização, pulsões de vida e morte – que podem ser consideradas como sínteses de práticas culturais, religiosas, comportamentais, políticas e esportivas - nunca pararam de pulular por estas areias que passamos a enxergar como pontos de partida e chegada destes fluxos.

Há alguns anos passei a me interessar pelo tipo de manifestação de protesto praticado nesta praia que passei a perceber como palco. Considerei inusitado tanto o formato destes eventos quanto o local escolhido pelos manifestantes. Primeiramente as cruzes em questão me chamaram atenção por fazerem um contraponto às práticas hedonistas exercidas na paisagem local. A repetição destes protestos, que tiveram início na segunda metade da década de 2000, e sua repercussão na mídia, aos meus olhos sinalizavam que por ali acontecia um novo modelo de contestação em progresso.

Uma ONG e entidades de classe adotaram esta modalidade de protesto para expor suas reivindicações. Assim as cruzes passaram a ser fixadas em maior quantidade, ou em dimensão mais ampla, junto com objetos e faixas.

Início esta investigação observando o local onde ocorrem as manifestações. Antes de chegarmos à Praia de Copacabana, percorreremos uma parte da história do Rio de Janeiro, analisando os desdobramentos civilizatórios que levaram a cidade a se expandir até a orla. Lembraremos também de alguns eventos importantes realizados neste espaço.

Na segunda parte, abordaremos algumas características pertinentes aos indivíduos e às massas. Listaremos algumas manifestações de protesto consideradas históricas e que ocorreram tanto em âmbito nacional quanto mundial.

No capítulo seguinte dissertaremos sobre os significados das cruzes. Faremos um levantamento das manifestações de protesto organizadas nas areias de Copacabana, foco deste estudo.

Em relação às nossas hipóteses, acreditamos que a praia de Copacabana é uma mídia em potencial e que o modelo de protesto em questão, um tipo de encenação que se relaciona ao campo dos estudos da dramaturgia e do sagrado. Para desenvolver este estudo, inicialmente fizemos um levantamento nos meios de comunicação com o intuito de verificar o que foi veiculado sobre o tema pela mídia impressa e eletrônica. Em seguida relacionamos esse material com a teoria e bibliografia selecionadas. Esperamos com isso que esta investigação semiótica, ao iluminar as complexidades das tessituras que envolvem essa modalidade de manifestação, revele aos leitores informações relevantes sobre a potência destes protestos de vanguarda no contexto do cenário analisado.

CAPÍTULO 1 - O PALCO DO ESPETÁCULO

Uma investigação semiótica da Praia de Copacabana, palco/mídia onde acontece o “espetáculo” das manifestações de protesto por meios de cruzeiros, demanda olhares sobre os fluxos históricos que delinearão seu desenvolvimento e a composição de seu *ethos*. As tramas dessas tessituras econômicas, sociais e políticas tornaram-se elementos constitutivos do caráter simbólico do espaço em questão e das irradiações em progresso de seus signos, dentre eles, as cruzeiros impostas a estas areias pelas referidas manifestações.

Observaremos inicialmente o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro e, em seguida, da praia tomada como parte importante deste espaço urbano. Ao seguirmos por esta via, iluminaremos também os sistemas semióticos que corroboraram para definir a cidade e a orla como espaços socioculturais.

Nosso intuito, neste capítulo, é entender os motivos pelos quais os organizadores dos eventos escolheram esta orla para organizar seus protestos.

1.1. Entalhes miméticos

Para Marx e Engels, a análise da urbe moderna está direcionada aos processos que envolvem a produção e reprodução do capital e a exploração da classe trabalhadora. Esta rotina de reprocessamentos expõe a cidade como um elemento deflagrador de desencadeamentos sociais mais distensos. Contrários a este método de observação, autores ligados à Escola de Chicago¹ investigam soluções concretas para regiões envolvidas com intensa atividade fabril e de urbanização. Como o intuito desta investigação não se concentra propriamente no desenvolvimento do Rio de Janeiro, mas nas tramas que geraram a condensação de sua memória, seguiremos brevemente pelo percurso da urbe em questão para observarmos os delineamentos de sua vida semiótica.

No período colonial, o Brasil, partícipe de uma engrenagem mercantilista, produzia em larga escala gêneros agrícolas e minérios. Nessa época, a mão-de-obra escrava tinha duplo papel como agente da acumulação primitiva do capital: como produtor de mercadorias (o que barateava o custo de produção) e como a mercadoria em si. O comércio e o tráfico de escravos eram, em

¹ A Escola de Chicago fundada na década de 1910, produziu entre 1915 e 1940 diversas pesquisas, voltadas à investigação dos fenômenos sociais presentes no meio urbano das grandes cidades americanas. Com o surgimento da instituição, inaugura-se um novo campo de pesquisa sociológica, focado exclusivamente nos fenômenos urbanos, a Sociologia Urbana.

dado momento, as atividades comerciais mais lucrativas da colônia. Como ator na periferia deste sistema, o Brasil, ao explorar a mão de obra escrava e ofertar recursos naturais em abundância, tornava-se gerador de grande capital para a metrópole, Portugal. A produção colonial era comercializada internamente por preços irrisórios, e, posteriormente, revendida ao mercado europeu por valores bem mais elevados. Já a metrópole tinha exclusividade no comércio de bens e serviços que possibilitassem o abastecimento das colônias, fornecendo a elas, além de produtos manufaturados, a própria mão de obra escrava. Esta via comercial, que tinha a metrópole como fornecedora de bens e serviços, auferia sempre preços elevados. As colônias ainda tinham que se relacionar com uma alta carga tributária gerada, imposta e administrada pela metrópole. Para garantir esta fonte de arrecadação, capitânias e portos passaram a ser fortemente fiscalizados.

Em *Formação Econômica do Brasil* (2007), Celso Furtado analisa a ocupação e o desenvolvimento do território brasileiro, observando também o perfil de nossa força de trabalho. Para Furtado, a utilização de mão de obra escravagista foi fundamental para solidificar a economia no Brasil. Graças ao trabalho escravo nas lavouras, os senhores conseguiram acumular riquezas.

Na segunda metade do século XVII, o Rio de Janeiro despontava como a cidade com a maior densidade demográfica do Brasil, com aproximadamente 30 mil habitantes. Esse dado, aliado a sua proximidade com Minas Gerais, que neste momento se destacava com a exploração de minérios, suscitou o seu desenvolvimento portuário e econômico.

Em meados de 1763, a nova configuração da cidade do Rio de Janeiro, levou o Marquês de Pombal a transferir a sede da colônia (até então estabelecida em Salvador, Bahia) para o Rio de Janeiro. Mas a cidade não estava preparada para receber mais habitantes. Faltavam moradias e as condições de higiene eram degradantes. “Para vários visitantes, o Rio era o mais imundo ajuntamento de seres humanos debaixo do céu.” (NAVES, 2007, p. 67).

No final do reinado de D. João V, Portugal, que dependia das riquezas brasileiras para sustentar os gastos luxuosos da corte, já demonstrava sinais de crise. Como bem destava Maxwell, Chevalier des Courtils, um jovem membro da Armada Francesa, registrou em seu diário de viagem em 1755:

“Portugal é mais uma província do que um reino. Pode-se dizer que o rei de Portugal é um potentado das Índias que habita em terras europeias”. E prosseguiu, atribuindo a grandeza do país apenas às suas colônias: “Os Estados vastos e ricos sob sua soberania no Novo Mundo, como o Brasil, o Rio de Janeiro, Bahia de Todos os Santos, Goa, a Madeira na África e os Açores na Europa, tornaram-no um príncipe considerável e colocaram-no entre as grandes potências europeias, se considerarmos o valor de suas possessões”. (COURTILS, 1755, apud, Maxwell, 1995, p. 48-49)

No decorrer do século XVIII, a dependência da metrópole em relação ao Brasil foi se tornando cada vez mais aguda. Diante deste quadro, Luís da Cunha, influente diplomata e intelectual daquele período, previu a transferência da corte para o Rio de Janeiro e ainda escreveu: *“É mais seguro e conveniente estar onde há abundância de tudo do que onde é preciso esperar pelo que se quer”* (MAXWELL, Kenneth, 1996, Op. Cit., p.16)

A chegada da Família Real ao Rio de Janeiro em 1808 marca o fim do período colonial. Com esta mudança, a cidade passou a ser a capital de império que abrangia: Angola, Moçambique, Timor, Macau e Goa. Em 1815, o país teve sua denominação alterada para Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Embora ainda não fosse independente, o Brasil passou a ter condição de igualdade com a antiga metrópole do reino. Esta mudança gerou, no país, alterações na economia, política e na sociedade local. Em 1821, a sede do governo do Reino retornou a Lisboa, com a partida de Dom João VI para Portugal. O motivo de sua mudança para Portugal foi o início da Revolução Liberal do Porto, um movimento militar que teve apoio da burguesia, do clero e da nobreza. A transferência da Corte para o Brasil havia gerado profundos prejuízos a Portugal.

Ao se tornar capital do Brasil e, depois, do Império, em razão da vinda da Família Real para o Rio de Janeiro, a cidade começou a passar por uma série de intervenções arquitetônicas.

1.2. Cartografias em transe

Em meados do século XIX, havia poucas fábricas em atividade no Brasil. Boa parte delas produzia tecidos de algodão de baixa qualidade que eram adquiridos por escravos e trabalhadores pobres. Em 1886, a Bahia abrigava cinco das nove unidades fabris em atividade. No ano anterior, a produção industrial migrara para o Centro-Sul. Com esta mudança, Minas Gerais assumiu o posto de Estado com o maior número de fábricas. No entanto, o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, concentrou as indústrias mais importantes. Sem considerar a atividade da agroindústria do açúcar, o Rio de Janeiro detinha, em 1889, 57% do capital industrial brasileiro.

Nesta época, todos os serviços urbanos da capital eram executados por escravos: *“um estrangeiro que acontecesse atravessar a cidade pelo meio do dia quase que poderia supor-se transplantado para o coração da África.”* (NAVES, 2007)

No início do século XX, a população da capital da República era a maior do Brasil, com 688 mil habitantes. Logo atrás, estavam Salvador, Recife, Belém e São Paulo. Na virada do século XIX para o século XX, a explosão demográfica gerou sérios problemas de abastecimento de água na cidade. Esta questão teve ainda outras consequências, como a falta de higiene que gerou o

surgimento de epidemias². Em razão do alto custo da alimentação, dos baixos salários e da falta de higiene nas moradias coletivas, as doenças encontraram um cenário ideal para sua propagação.

Na última década do século XIX a região central do Rio de Janeiro atravessou uma crise de habitação que acabou por desencadear outra bem mais grave: a insalubridade das moradias coletivas. Estas edificações, que careciam de iluminação e de circulação de ar, seriam as grandes responsáveis pela disseminação de doenças. Assim, a administração municipal passou a travar uma batalha contra a construção de novos cortiços na cidade.

Parte da elite da época enxergava as classes mais pobres como perigosas. Este rótulo imediatamente trouxe à tona uma teorização sobre este extrato da sociedade. A chamada “teoria da higiene” elegia o proletariado como responsável pela crise na área da saúde, no município. Segundo esta linha de pensamento, as camadas sociais menos favorecidas detinham grande potencial de contágio moral por serem ociosas, manterem vícios e deflagrarem a propagação de doenças por morarem em habitações coletivas sem as devidas condições de higiene.

Em 1893, um dos cortiços mais famosos do Rio, conhecido como Boca de porco, que teria chegado a abrigar cerca de quatro mil pessoas, foi desocupado à força pelo primeiro batalhão da infantaria. A ação contou com a presença do então prefeito Barata Ribeiro. *“O vício era prerrogativa “das classes pobres”, da multidão, do indefinido, da vastidão, do inapreensível.”* (CHALHOUB, 2007, p. 175).

No entanto, mesmo diante deste quadro, vigorava um clima de otimismo institucional. A capital recebia recursos vultosos advindos do comércio e das finanças. A cidade, então o maior centro comercial do Brasil, integrava, através de suas linhas ferroviárias, as regiões Norte, Nordeste e Sudeste.

O grande desenvolvimento do Rio de Janeiro trouxe luz ao jogo de forças sobre as diversas formas de interpretação dos direitos existentes na época, como aqueles que versavam sobre o acesso a habitações dignas. O estado degradante das moradias coletivas e, principalmente, o seu espectro insalubre, contribuiu para a abertura de uma fenda, que possibilitou o fortalecimento de práticas de poder, impressos pela elite local.

Cidades fazem o contraponto ao mundo natural. Soa utópico idealizá-las como zonas harmoniosas e desprovidas de poder de combustão, prontas a desencadear conflitos. Ao percorrê-las, evidenciam-se os endereços espaciais de extratos sociais semelhantes. Essa lógica de

² Ruas estreitas e sujas e um precário sistema de saneamento básico facilitaram a proliferação de doenças como febre amarela, varíola, tuberculose e peste.

ocupação demográfica, que normalmente é fruto de desenvolvimentos urbanos desiguais, não perfaz qualquer tentativa de engendramento de outras perspectivas urbanísticas.

Cliford Gertz, em *A interpretação das Culturas* (1989), destaca a ideologia como um elemento constitutivo da cultura que controla, cria e recria o comportamento em sociedade. Para o autor, a ideologia justificaria as arbitrariedades culturais. Gertz cita Werner Stark que refuta a ideologia como ativo positivo, segundo seu raciocínio, é preciso que este tipo de pensamento seja eliminado.

Mas o estudo da ideologia — um empreendimento inteiramente diferente — lida com as causas do erro intelectual: Ideias e crenças, já tentamos explicar, podem ser relacionadas com a realidade numa dupla forma: com os fatos da realidade ou com os anseios que essa realidade, ou a reação a essa realidade, faz surgirem. Onde existe a primeira conexão, descobrimos um pensamento que em princípio é verdadeiro; onde aparece a última relação, enfrentamos ideias que só podem ser verdadeiras por acidentes e que são passíveis de estarem viciadas por preconceitos, sendo esta palavra tomada em sua acepção mais ampla (GERTZ, 1989 p. 109).

A ideologia da higiene, sob a perspectiva de efetiva liberdade de comportamento em um regime liberal, apresenta-se como um elemento constitutivo de regulação desta sociedade. Esta liberdade não está pronta nem repousa em nenhuma região. O regime liberal é aquele que se propõe a fabricá-la a cada momento. Para Michel Foucault, em *Nascimento da Biopolítica* (2008), a segurança baliza o princípio de cálculo da liberdade de comportamento. Liberdade e segurança, a partir desta base dicotomizada, em propulsão dialética, determinam a medida para que os interesses individuais não se transformem em perigo para a coletividade.

Voltando ao contexto do Rio de Janeiro, problemas de abastecimento de água, saneamento e higiene, deixaram a Capital Federal suscetível ao surgimento de epidemias (febre amarela, varíola, tuberculose e peste) que se depararam com um solo fértil para sua propagação. Diante deste quadro, os navios estrangeiros evitavam parar no porto da cidade, onde era comum a morte de recém chegados acometidos por doenças contagiosas.

Ao assumir a presidência da República, Rodrigues Alves priorizou o saneamento e a urbanização da capital federal. Assim, em pouco tempo, parte da população pobre passou a ser despejada para que os inúmeros casarões pudessem ser demolidos. Este período conturbado ficou conhecido como “bota abaixo”. As demolições de cortiços faziam parte de um contexto de reurbanização da cidade, que incluía a construção de grandes bulevares e largas avenidas.

Simultaneamente, Osvaldo Cruz iniciou seu plano de saneamento, combatendo a peste e a febre amarela através do desenvolvimento de brigadas sanitárias³. Esta ação obteve resistência da população quando o governo instituiu a lei que tornava obrigatória a vacinação contra a varíola.

O desenvolvimento dos meios de transporte na Capital, principalmente dos bondes, que facilitavam o deslocamento de pessoas a distintas regiões, foi determinante para dinamizar sua economia. As novas linhas de bondes foram fundamentais para reconfigurar o mapa do Rio de Janeiro que, até então, se apresentava insalubre e com ruas apertadas. Assim, a Capital Federal passou a se expandir rumo às zonas norte e sul. Este movimento de distensão espacial da cidade, aliado à propagação da ideologia da higiene, impulsionou investimentos de empresários em outras regiões da cidade.

O projeto de reformulação da urbe pretendia também romper com a imagem do Rio de Janeiro do período colonial. Ao se desfazer de suas ruínas, os governos Federal e Municipal se empenhavam em atrelar a nova imagem da cidade a uma concepção de modernidade. Marshall Berman, em *Tudo o que é sólido se desmancha no ar* (2007), refuta a modernidade como uma proposição utópica positiva. Nesta obra, o autor marxista a vê como fonte geradora de desarmonia e inseguranças. Berman destaca que ela modifica tudo na sociedade, criando e destruindo coisas permanentemente, impondo um novo ritmo às nossas vidas. Nesta obra, o filósofo aborda também aspectos do modernismo em nações não avançadas e insubordinadas a qualquer tipo de avanço político ou econômico.

No polo oposto, encontramos um modernismo que emerge do atraso e do subdesenvolvimento. Esse modernismo surgiu pela primeira vez na Rússia, mais dramaticamente em São Petersburgo, no século XIX; em nossa era, com o avanço da modernização — porém, geralmente, de uma forma trancada e desvirtuada como na antiga Rússia —, expandiu-se por todo o Terceiro Mundo. O modernismo do subdesenvolvimento é forçado a se construir de fantasias e sonhos de modernidade, a se nutrir de uma intimidade e luta contra miragens e fantasmas. Para ser verdadeiro para com a vida da qual emerge, é forçado a ser estridente, grosseiro e incipiente. Ele se dobra sobre si mesmo e se tortura por sua incapacidade de, sozinho, fazer a história, ou se lança a tentativas extravagantes de tomar para si toda a carga da história. Ele se chicoteia em frenesis de auto-aversão e se preserva apenas através de vastas reservas de auto-ironia (BERMAN, 2007, p. 229).

Assim, neste momento, a cidade do Rio de Janeiro começa a ganhar ares europeus, mais precisamente, ares franceses. Os vestígios da antiga metrópole carregavam marcas de atraso que

³ A derrubada de casarões e o despejo de seus moradores para a revitalização arquitetônica da cidade foram acompanhados pelas brigadas sanitárias que espalhavam raticidas e solicitavam que a população removesse o lixo. Em seguida, as brigadas passaram a combater os mosquitos transmissores da febre amarela.

precisavam ser deixadas para trás. A reforma urbanística da Capital Federal, em meio a um cenário de caos social, pretendia também atrair investimentos estrangeiros.

No entanto, as avenidas largas, as lojas finas, as casas de chá e cafés estavam inseridas num cenário por onde também circulavam trabalhadores muito pobres e analfabetos. Na cidade ainda era possível vermos favelas, feiras livres e cortiços. Apesar de toda a euforia com os discursos de progresso, o Rio de Janeiro atravessava uma séria crise de abastecimento de água⁴ por causa de seu grande e rápido crescimento demográfico.

No campo cultural, mesmo com a cultura francesa apontando os modelos de vida social e cultural na época, o samba se fazia muito presente no cotidiano da população menos favorecida. A cultura popular, vivenciada nas ruas do Rio de Janeiro, como em qualquer outra de qualquer cidade do mundo, fazia um contraponto diante da cultura oficial imposta e vigente na época. Mikhail Bakhtin iluminou o universo da praça pública, no contexto de François Rabelais⁵, por onde se movimentava tudo que não soasse oficial.

A cultura popular não oficial dispunha na Idade Média e ainda durante o Renascimento de um território próprio: a praça pública, e de uma data própria: os dias de festa e de feira. Essa praça entregue à festa, já o dissemos várias vezes, constituía um segundo mundo especial no interior do mundo oficial da Idade Média. Um tipo especial de comunicação humana dominava então: o comércio livre e familiar. Nos palácios, nos templos, nas instituições, nas casas particulares reinava um princípio de comunicação hierárquica, uma etiqueta, regras de polidez. Discursos especiais ressoavam na praça pública: a linguagem familiar, que formava quase uma língua especial, inutilizável em outro lugar, nitidamente diferenciada da usada pela igreja, pela corte, tribunais, instituições públicas, pela literatura oficial, da língua falada das classes dominantes (aristocracia, nobreza, alto e médio clero, aristocracia burguesa), embora o vocabulário da praça pública aí irrompesse de vez em quando, sob certas condições. A praça pública em festa reunia um número considerável de gêneros e de formas maiores e menores impregnados de uma sensação única, não oficial, do mundo. (BAKHTIN, 1987, p.133)

Camadas menos privilegiadas, ao vivenciarem o cotidiano em um mesmo espaço físico, podem promover valiosas fusões culturais, como as que ocorreram em Johannesburgo, em New

⁴ O crescimento populacional provocava o problema da falta de água, vital para a limpeza e a saúde de seus habitantes. Este problema colaborou para o aumento da taxa de mortalidade detectada em 1891 no Rio de Janeiro.

⁵ Bakhtin em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (escritor francês -1494/1553) investiga a influência da cultura popular na obra do autor francês. O semiótico defende que as manifestações desta cultura apresentam-se sob três subdivisões: formas dos ritos e espetáculos (festejos carnavalescos, obras cômicas representadas nas praças públicas, etc.); obras cômicas verbais (inclusive as paródicas) de diversa natureza: orais e escritas, em latim ou em língua vulgar; e diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro (insultos, juramentos, blasfêmias populares, etc.). A primeira delas contrapõe a seriedade todas as cerimônias da Igreja e do Estado feudal.

Orleans, no East End londrino e em Buenos Aires, experiências que deixaram um grande legado para a música.

No caso específico da cultura musical argentina, por exemplo, podemos apontar que há certa controvérsia em relação à origem exata do tango, que segundo Paul Zumthor, teve como ponto de partida “*uma espécie de psicodrama dos proletários de Buenos Aires*” (ZUMTHOR, 2005, p.95). Registros apontam que o ritmo começou a ser explorado como dança nas ruas, bares e prostíbulos de Buenos Aires no início do século XIX. No decorrer deste século, a Argentina atraiu mão de obra estrangeira para ocupar novos postos de trabalho. A massa de trabalhadores europeus (italianos, franceses, espanhóis, poloneses, entre outros) presentes na Argentina, suscitou a abertura de muitos prostíbulos. A grande circulação de pessoas nos bordéis argentinos, onde aconteciam apresentações musicais para entreter os clientes que aguardavam o atendimento, foi fundamental para confrontar culturas estrangeiras. Assim, a partir da fusão de experiências musicais distintas, como a milonga espanhola, a havaneira cubana e o candomblé uruguaio, surgiu o tango. Por exibir letras com forte cunho social e, por conseguinte, não possuir aderência canônica, o tango era muito malvisto pela sociedade que prezava os “bons costumes”. No entanto, sua popularização não tardou a acontecer por caminhos bifurcados: pelos filhos de famílias da elite argentina que frequentavam os bordéis e em seguida divulgavam o ritmo na Europa e nos Estados Unidos e pelos trabalhadores estrangeiros que retornavam ao seu país de origem tendo vivenciado esta cultura durante o tempo de estada no país.

Voltando ao contexto brasileiro e, especificamente, do Rio de Janeiro, é preciso apontar outras questões acerca dos movimentos de reurbanização da Capital Federal. A primeira linha de bonde, inaugurada em 1868 pela Botanical Garden Rail Road Company, ligava a Rua Gonçalves Dias ao Largo do Machado. Dez anos antes, começou a funcionar o primeiro trecho da Estrada de Ferro Dom Pedro II, hoje conhecida como Central do Brasil, o que facilitou a ocupação de zonas suburbanas. A implantação de bondes e trens permitiu o aumento da mancha demográfica local.

Os bondes, além de simplesmente transportar passageiros, simbolicamente, iam mais longe por conseguirem convergir boa parte dos signos de urbanização. No entanto, o transporte enfrentou restrições de segmentos da elite da época, por transportarem também, pessoas de outras classes sociais.

1.3. Diglossias Culturais

A companhia Botanical Garden Rail Road, objetivando a obtenção de lucros no mercado imobiliário, se associou a proprietários de terras, empresas de serviços públicos e grandes incorporadoras, para darem início à ampliação dos trilhos rumo à zona sul.

A inauguração de uma linha da empresa para Copacabana, em 6 de julho de 1892, obteve a cobertura dos principais jornais do Rio de Janeiro, dentre eles, o *Jornal do Brasil* e *O Tempo*. Neste mesmo dia, foi inaugurado o Túnel Real Grandeza. Nesta inauguração os bondes partiram da Rua Gonçalves Dias, no centro (uma região que sintetizava os problemas da capital da República) rumo ao “*futuroso bairro de Copacabana*”⁶, numa viagem de pouco mais de uma hora de duração.

Realizou-se ontem em Copacabana a inauguração da estação de bondes da Companhia [Jardim] Botânico... À uma hora da tarde partiram da rua Gonçalves Dias diversos bondes especiais conduzindo o primeiro uma banda de música de marinheiros nacionais, o segundo o Sr. Marechal vice-presidente da República e seu estado-maior, e outros diretores da companhia e convidados. Ali chegando foi a comitiva recebida com vivas e foguetes. O sr. marechal vice-presidente da República, depois de percorrer a estação, foi convidado para o *lunch* que suntuosamente ali se achava servido. O sr. barão Ribeiro de Almeida, presidente da companhia, fez o primeiro brinde ao sr. marechal Floriano e à imprensa, seguindo-se outros do sr. Barata Ribeiro, presidente da Intendência, contra-almirante Custódio José de Mello, ministro da Marinha, e outros cavalheiros, e terminando o brinde de honra feito por Prudente de Moraes, presidente do Senado. (...) Em todo percurso era extraordinária a afluência de curiosos para ver passar a comitiva inauguradora, à entrada do túnel de Copacabana, aberto em rocha viva, iluminado à luz elétrica e adornado de festões de folhas de mangueiras e bananeiras, foi imensamente saudado o chefe de Estado, jê pelos operários da Companhia ferro-Carril Jardim Botânico, já pelos operários da Companhia Forja Nacional. (Jornal do Brasil, 7/07/1892)

Não apenas a elite, adepta de hábitos franceses, mas toda a população, passaria a tomar o bonde rumo à Copacabana. Em pouco tempo as discussões que permeavam as questões urbanas e sociais pertinentes à região central do Rio de Janeiro, teriam também outro endereço: o arrabalde onde se localizava o areal. Mesmo naquele vazio, que fazia às vezes de uma espécie de terra prometida, o desejo de ser moderno continuava inserido numa realidade provinciana.

⁶ Expressão em texto publicado pelo jornal Gazeta de Notícias (edição de sete de julho de 1892). Copacabana, na virada do século XIX para o XX, começava a fazer parte do imaginário popular do Rio de Janeiro.



IMAGEM 1 - Inauguração do Túnel Real Grandeza (conhecido hoje como Túnel Velho).

Foto: Juan Gutierrez

1.4. O areal



IMAGEM 2 - Estação de bondes no areal. Foto: Juan Gutierrez

Copacabana passou a chamar a atenção em 1858 por causa do boato de duas baleias que estariam encalhadas na praia. Centenas de curiosos foram até a região. Alguns chegaram a acampar nas proximidades da orla durante três dias, mas as baleias não apareceram. O areal era, até então, visto como um lugar bucólico, pré-civilizado, por onde não circulavam pessoas. Os únicos habitantes locais eram pescadores que moravam em choupanas. No início de sua ocupação, “vendia-se” a imagem de um bairro com as benesses dos ares marítimos.

A elite e as demais classes sociais, para além de toda aquela cultura urbanística praticada no centro do Rio de Janeiro, tomaram contato com uma nova área a ser habitada, onde havia um areal praticamente intocado pelo homem. Era uma espécie de paraíso solar onde, até então, viviam pescadores, “invisíveis” aos olhos dos “predadores” que pretendiam ocupar aquela orla, pois era ela um vazio próximo à urbe, uma região salubre e um cenário praiano.

Em 1922, na orla de Copacabana, já era possível ver alguns palacetes e um prédio em construção, que receberia o famoso Hotel Copacabana Palace, inaugurado naquele mesmo ano.

Nessa época a Avenida Atlântica já estava duplicada e o hábito de ir à praia para passear, tomar banho de mar e fazer piqueniques noturnos tinha sido incorporado pela população. A elite e as camadas mais pobres começaram a ocupar a mesma região. Banhistas abastados chegavam à

orla de carro e aqueles das camadas mais populares, de taiobas, uma espécie de bonde de segunda classe, que permitia a viagem em trajes de banho.

Em pouco tempo, arranha-céus tomaram o bairro. A Praia de Copacabana já gerava signos de distinção civilizatória que, em poucas décadas, seriam conhecidos mundo afora.

Aos poucos a orla foi se adequando aos modelos do que convenciamos chamar de uma “cartografia mundializada de cultura”. Tínhamos diante de nós um famoso hotel de luxo, prédios altos à beira-mar, turistas em busca de sol e banho, tudo isso em um ambiente praiano para exibir ao Brasil e ao mundo, imagens do que seria um cânone nacional: o areal impregnado de signos da modernidade. No entanto, a imagem idealizada de um país, propagada através daquele bairro atlântico, acabou por se diluir em questões complexas que envolviam o espaço em questão.

A Praia de Copacabana seria citada cinematograficamente no exterior em 1943, pelo filme *Alô Amigos*⁷ (Estúdios Disney) A imagem dos personagens americanos Pato Donald e Zé Carioca dançando sobre pedras portuguesas com o traçado ondulado associou o bairro à própria brasilidade, à cachaça, ao samba e à malandragem. Este é o primeiro momento em que subvertemos o espaço à condição de palco.



IMAGEM 3 - Cena do filme *Alô amigos*⁸

⁷ O filme *Alô amigos* foi uma forma do governo americano de se aproximar de nossa cultura e fazer uma política de boa vizinhança. A estratégia visava cooptar os países do continente para um projeto de hegemonia cultural e comercial.

⁸ Acessada através do portal do professor no endereço eletrônica <http://www.portaldoprofessor.mec.gov.br>, em 15/03/2014.

1.5. O palco moderno/miscigenado

Palcos modernos supõem “encenações” impulsionadas pela possibilidade de instalação de uma dinâmica de progresso nas sociedades que os circundam. Por esses espaços, elementos indesejáveis constitutivos de determinada organização social e práticas relativas a um passado que precisa ser expelido, protagonizam um jogo que objetiva a proposição de novas possibilidades sociais. Esta dinâmica é orgânica. Pulsões de modernidade, quando praticadas, iluminam espaços sem delimitação de fronteiras ideológicas, religiosas, étnicas, de nacionalidade ou classe social. “*A modernidade une a espécie humana*” (BERMAN, 1986, p.15). Palcos midiáticos também podem, simbolicamente, demonstrar ao mundo o poder de realização das civilizações. O filósofo Marshall Berman (1986) cita, por exemplo, o palco da cidade de Nova York, já tão propagado pela mídia.

Por mais de um século, Nova Iorque tem servido de centro para as comunicações internacionais. A cidade deixou de ser mero teatro, para se transformar a si mesma numa produção, num espetáculo *multimedia* cuja audiência é o mundo inteiro. Isso deu ressonância e profundidade especiais à maior parte do que é dito ou realizado aqui. Boa parte da construção e do desenvolvimento de Nova Iorque ao longo do século passado deve ser vista como ação e comunicação simbólicas: tudo foi concebido e executado não apenas para atender às necessidades econômicas e políticas imediatas, mas, pelo menos com igual importância, para demonstrar ao mundo todo o que os homens modernos podem realizar e como a existência moderna pode ser imaginada e vivida (BERMAN, 2003, p. 286).

Apesar de ter sua imagem tão divulgada pela mídia, tanto por se tratar de um dos mais famosos cartões postais brasileiros como por sediar grandes eventos (artísticos, esportivos, queima de fogos e etc.), o palco da Praia de Copacabana não irradia signos que apontam para um potencial de realização nacional. Sua vocação se fundamenta nas aderências de sua composição civilizatória, composta por fluxos heterogêneos – seus ocupantes, práticas de saúde e de lazer e aspectos de sua urbanização – que atravessaram o Túnel Velho.

O *ethos* do palco em questão se aprimora ao justapor todos os processos civilizatórios que se desdobraram nesta orla. Desde os distintos extratos sociais que por ali circularam e se instalaram, dos hábitos deflagrados a partir da ocupação da praia como espaço de práticas esportivas e de lazer, de sua urbanização, da construção do Hotel Copacabana Palace - considerado na época de sua idealização, um monumento à modernidade (sua inauguração determinou uma mudança de paradigma civilizatório, porque a cidade até então voltava-se para dentro, dando as costas para o mar) -, da queima de fogos no réveillon e dos eventos trágicos ou festivos. Falamos de uma não Biarritz deflagrada através da derrocada de um projeto moderno de

civilização em um cenário composto por uma praia popular que é, ao mesmo tempo, repleta de *glamour*. Nesta orla nos deparamos com a estátua do poeta Carlos Drummond de Andrade, com as pedras portuguesas do calçadão e com o projeto paisagístico de Roberto Burle Marx. Neste espaço onde está o edifício Chopin, construído em estilo modernista e famoso por sediar festas da alta sociedade carioca, há alta densidade demográfica e grande fluxo de idosos. Pequenos e grandes imóveis, a lembranças da bossa nova, tudo isso compõe a vida heterogênea do bairro.

Copacabana é uma praia icônica, diante dos fragmentos de memória que compõem seu *ethos*. A potência de sua atmosfera desloca o palco de mero espaço contextualizado em determinado período histórico, para desempenhar o papel ativo na composição de qualquer espetáculo. “*Uma força importante é realmente atmosférica*”, já afirmou Etienne Souriau em *As duzentas mil situações dramáticas* (SOURIAU, 1993, p.138)

1.6. O palco sangrento

Lembremos agora de um episódio trágico, que ficou conhecido como “A revolta dos 18 do Forte”, ocorrido no palco objeto deste estudo. Em 5 de julho de 1922, um grupo composto por 17 militares e por um civil, insatisfeito com a administração da República, saiu pela Praia de Copacabana para se confrontar com forças governamentais. A troca de tiros levou à morte dezesseis manifestantes.



IMAGEM 4 - Grupo de manifestantes na Praia de Copacabana⁹

O espaço, na época da ocorrência deste episódio, segundo a antropóloga Julia O’ Donnell, em seu livro *A invenção de Copacabana* (2013) pode ser assim definido:

⁹ Acessada através do site <http://www.historiadobrasil.net>, em 20 de março de 2014.

Imagine-se o leitor sozinho numa praia tropical, rodeado apenas de alguns palacetes e um enorme edifício em construção, vendo o bonde que o trouxe afastar-se entre as montanhas até desaparecer de vista. Diante de si, uma avenida pontilhada de postes de iluminação, eventualmente entrecortada por automóveis. Um pouco mais adiante, uma larga faixa de areia sobre a qual se espalham pequenos grupos de pessoas, em sua maioria jovens em traje de banho alternando-se entre a proteção das barracas e o frescor da água do mar. Na calçada, construída junto da areia, pessoas em elegantes roupas desfilam duas a duas, três a três, num incessante falatório, enquanto observam atentamente o que se passa ao redor. (O'DONNELL, 2013, p.81)

O episódio “A revolta dos 18 do Forte” tinha como palco uma Praia de Copacabana em pleno curso de urbanização. Jornais da época celebravam o surgimento de uma região civilizada¹⁰ que não desejava ter entre seus ocupantes, pessoas que não pertenciam à elite. Sua representação, vista através dos olhares da aristocracia, não citava hábitos praticados pelas camadas populares que também frequentavam o espaço, como por exemplo, os pescadores. O vazio atlântico fazia as vezes de um eldorado salubre a toda população. Era, enfim, a tentativa de erigir uma região aristocrática à beira mar, ou seja, a “afirmação da aparência”¹¹. A representação deste capítulo trágico de nossa história evoca um cenário que traz latente estas pulsões de memórias.

Para Iuri Lotman (PIRES Ferreira, Jerusa, 2004), a memória quase sempre parece operar dialeticamente com o esquecimento, ou seja, com a sua própria contrapartida. Lotman enfatiza que há determinada “*imposição de esquecimento obrigatório de determinados aspectos da experiência histórica*” PIREs Ferreira, Jerusa, 2004, p.79). Paul Zumthor (2004) se alinha a ele e a Uspênski (2004) ao observar como a comunidade expulsa da tradição os elementos indesejáveis da memória coletiva. No entanto, esses movimentos, impostos tanto por sistemas políticos como pela comunicação de massa, não conseguem se instalar em sua totalidade. Para exemplificar, podemos recorrer a exemplos clássicos e observar, por exemplo, Mersault, personagem principal de *O estrangeiro*¹², de Albert Camus. A cena apresenta Mersault com dois amigos que se envolvem em uma briga na praia. Mersault, em dado momento, se retira do espaço e, ao retornar, caminha durante muito tempo pela orla da praia. O autor descreve então algumas de suas impressões e pensamentos expressados em falas como “*a areia superaquecida me parecia vermelha*” (CAMUS, 1997, p.57) e “*o sol estava agora esmagador*” (CAMUS, 1997, p.59). Neste lugar ouve-se apenas um árabe tocando flauta. O sol, o silêncio e o barulho da água são citados mais de uma vez para enfatizar a atmosfera bucólica e misteriosa que antecede o crime que será cometido. O sol quase participa do combate entre os personagens ao lançar seu brilho sobre a

¹⁰ A chamada “região civilizada” destruía construções humildes para dar lugar a palacetes e outras moradias erguidas no centro de terrenos.

¹¹ Em *A Sociedade do espetáculo* (2002), Guy Debord fala sobre o conceito de espetáculo. A afirmação da aparência, via propulsão social, deve ser reconhecida como verdade.

¹² CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. SP: Ed. Record, 1997.

arma de cada um. “*Sacudi o suor e o sol*” (CAMUS, 1997, p.63), diz Mersault ao dar o primeiro dos quatro tiros em seu oponente, que segurava uma faca. Esta praia ficcional transmite impressões de calor, de vazio e do protagonismo do sol. Neste espaço acalorado acontece um crime. Nada além dessas sensações é oferecido ao leitor através da descrição do autor. Este palco se encerra, simbolicamente, apenas com a descrição de suas características geográficas, climáticas e naturais que compõem a praia que será idealizada pelo leitor da obra a partir de suas memórias e de seus referenciais culturais.

Lotman (2004), aliás, define cultura como um feixe de sistemas semióticos, um sistema de signos que organiza as informações recebidas. Segundo ele, o patrimônio da memória conta somente com o que foi traduzido num sistema de signos. Ao desenvolver estudos semióticos da cultura, Lotman trouxe à tona o conceito de semiosfera e de texto cultural.

A semiosfera, determinada como o espaço da vida dos signos onde são exclusivamente ativados os processos de semiose, se alicerça na dinâmica dos encontros culturais que estão na base formadora de toda cultura. A semiose opera a partir de um signo inserido numa sociedade. Ou seja, se estabelece, na semiosfera, um encontro entre um signo e um não signo. As dinâmicas culturais ocorrem através das interferências que os signos propõem mutuamente. Elas são ativadas a partir de processos de exclusão e inclusão, através de diálogos entre emissor e receptor, que tornam possível o estabelecimento de uma nova semiose. Na semiosfera, os diversos sistemas signicos se encontram em profusão, garantindo a manutenção de nossa sobrevivência cultural. Ao absorver esta dinâmica iluminada por Lotman, percebemos que cultura não deve ser observada como produto, mas como processo. Assim, ela é codificação, informação, transmissão e memória.

O semiótico ao se referir às transformações sociais frente à ação dos mecanismos semióticos de cultura, observa a elevada potência da semioticidade dos comportamentos. Esta dinâmica pode ser observada, por exemplo, na transformação de nomes.

O texto cultural, segundo Lotman, extrapola a função de gerar novos significados, atuando como um condensador de memórias. Ele é produtor de sentidos e ente de preservação de memória. Segundo o semiótico, o texto não trata da realidade, mas do material capaz de reconstruí-la. O texto de cultura se comunica por ter capacidade de acumulação e reserva de memória. Dessa forma, conforme seu raciocínio, devemos observar o palco objeto desta análise, não apenas como uma das praias mais famosas do Brasil e do mundo, mas como memória de tudo o que ocorreu ali.

É preciso destacar que a memória se desloca para além dos eventos ou cenas que estejam fora deste contexto, mas que a Praia de Copacabana possa ser capaz de evocar. Neste jogo, segundo Lotman, atuam elementos que propiciam: de um lado bloqueio e de outro, lembrança. A

cultura atua dialeticamente, fazendo com que o fluxo da memória atue mediante a sua contrapartida, o esquecimento. Outros pensadores da arte e da cultura desenvolveram análises sobre o mesmo tema. Por exemplo, Paul Zumthor (1997) comenta que nenhuma compreensão pode ser total devido à sua natureza fragmentária. Dessa forma, o esquecimento torna-se funcional ao intervir no curso da humanidade.

Permanece uma tendência dominante: a comunidade adere memorialmente a formas de pensamento, de sensibilidade, de ação e de discurso graças aos quais ela “funciona”, não somente porque elas os têm à sua disposição, mas por causa dos valores de que elas são carregadas – valores a dispor ao mesmo tempo entre as causas e os efeitos de uma seleção inicial, isto é, de uma vontade de esquecimento. Mas este esquecimento implica um desejo latente. É dinâmico: rejeita, mas em vista de. Ele não anula, ele pole, apaga, e por isto, clarifica o que deixa à lembrança transformando-a em tipo, extraindo daquilo que foi sua fragilidade temporal, sua incômoda primeira fugacidade (ZUMTHOR, 1997, p. 15-16).

1.7. Encontros, fluxos e refluxos

É impossível vasculhar todo o texto que envolve a cidade do Rio de Janeiro devido à sua vocação em promover, de forma contínua, encontros culturais. O escritor Joaquim Manuel de Macedo, em seu livro *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro* (2004), chega a comentar que naquela época (início da segunda década do século XIX) os cariocas não estavam atentos à aderência textual de sua história e de seu cotidiano.

Entre tantas cenas e contornos expostos por esta cidade, podemos destacar alguns fatos ocorridos em seu espaço que corroboraram para a edificação de seu grande texto de memória: o confronto com os franceses no século XVI, o fluxo comercial e portuário, a mão-de-obra escrava e estrangeira, a influência de Portugal e, em seguida, da França, na cultura local, a chegada da Família Real, o enforcamento de Tiradentes, sua potência econômica e política como Capital entre 1763 e 1960, a perda desta mesma potência após este período, as tensões e o desfecho trágico do governo Vargas, os atentados contra Carlos Lacerda e do Rio Centro, a perda da final da Copa do Mundo no jogo contra o Uruguai em 1950, os sambas vindos dos morros e da zona norte, a Radio Nacional, as chanchadas, as imagens da TV, o Estádio do Maracanã, as praias da zona sul, a violência e o tráfico de drogas, entre outros.

A cidade do Rio de Janeiro ao catalisar inúmeros processos semióticos desencadeados em seu espaço, pode ser considerada um texto que se comunica. Tanto o município como a Praia de

Copacabana não preservam apenas a sua memória, mas a de todo país. Na arte isso é muitas vezes retratado, como na música *Rio antigo* de Chico Anysio e Nonato Buzar:

Rio Antigo (Chico Anysio e Nonato Buzar)

Quero um bate-papo na esquina
Eu quero o Rio antigo
Com crianças na calçada
Brincando sem perigo
Sem metrô e sem frescão
O ontem no amanhã
Eu que pego o bonde 12 de Ipanema
Pra ver o Oscarito e o Grande Otelo no cinema
Domingo no Rian
Me deixa eu querer mais, mais paz

Um pregão de garrafeiro
Zizinho no gramado
Eu quero um samba sincopado
Taioba, bagageiro
E o desafinado que o Jobim sacou
Quero o programa de calouros
Com Ary Barroso
O Lamartine me ensinando
Um lá, lá, lá, lá, lá, gostoso
Quero o Café Nice
De onde o samba vem
Quero a Cinelândia estreando "E o Vento Levou"
Um velho samba do Ataulfo
Que ninguém jamais gravou
PRK 30 que valia 100
Como nos velhos tempos

Um carnaval com serpentinas
Eu quero a Copa Roca de Brasil e Argentina
Os Anjos do Inferno, 4 Ases e Um Coringa
Eu quero, eu quero porque é bom
É que pego no meu rádio uma novela
Depois eu vou à Lapa, faço um lanche no Capela
Mais tarde eu e ela, pros lados do Hotel Leblon

Um som de fossa da Dolores
Uma valsa do Orestes, zum-zum-zum dos Cafajestes
Um bife lá no Lamas
Cidade sem Aterro, como Deus criou
Quero o chá dançante lá no clube
Com Waldir Calmon
Trio de Ouro com a Dalva
Estrela Dalva do Brasil
Quero o Sérgio Porto
E o seu bom humor

Eu quero ver o show do Walter Pinto
Com mulheres mil
O Rio aceso em lampiões
E violões que quem não viu
Não pode entender paz e amor
O que é paz e amor

1.8. Palco midiático

Ao propor largo escopo àqueles que desejam extrair da Praia de Copacabana significações que, segundo Lotman, se apresentam como sendo a função mais importante dos textos no sistema cultural, o palco em análise revela-se como um instigante reprocessador da memória coletiva.

Torna-se significativo lembrarmos, através de imagens fruto de coberturas jornalísticas, alguns eventos ocorridos na orla mais famosa do Brasil nos últimos anos. Destacamos as festas de réveillon, consideradas as mais grandiosas e importante do país, a Copa do Mundo de Futebol de Areia (2007), os Jogos Panamericanos da edição 2007 e o show dos Rolling Stones que levou milhares de pessoas à praia em 2006.



IMAGEM 5 – Réveillon 2013/2014. Foto: Rodrigo Gorosito / Site G1¹³

¹³ Acessada através do site <http://g1.com.br>, em 11/01/2014.



IMAGEM 6 - Copa do mundo de futebol de areia (2007)¹⁴



IMAGEM 7 - Arena de vôlei (Jogos Panamericanos/2007). Foto: Estadão/ Eduardo Nicolau¹⁵

¹⁴ Acessada através do site <http://www.r7.com.br>, em 16/11/ de 2013.

¹⁵ Acessada através do site <http://www.estadao.com.br>, em 18/11/ 2013..



IMAGEM 8 - Corredor Usain Bolt em pista de atletismo criada na Praia de Copacabana (2013)

Foto: Tasso Marcelo – Agência Estado¹⁶

¹⁶ Acessada através do site <http://www.estadao.com.br>, em 22/11/ 2013.



IMAGEM 9 - Show do cantor Carlinhos Brown no Reveillon 2013/14. Foto: Rodrigo Gorosito/ G1¹⁷



IMAGENS 10 E 11 - Show da banda Rolling Stones (2006)¹⁸

¹⁷ Acessada através do site <http://g1.com.br>, em 22/11/2013.

¹⁸ IMAGEM 10 acessada através do site <http://www.bbc.co.uk>, em 24 de novembro de 2013 e IMAGEM 11 acessada através do site <http://www.nytimes.com>, em 24/11/2013.

Também, como ilustração, vale destacar a fala de Ron Wood, guitarrista da banda Rolling Stones, em seu livro autobiográfico (2013) sobre a experiência de tocar em um show na Praia de Copacabana para aproximadamente um milhão de pessoas:

Ao olhar da sacada de meu quarto de hotel, lá embaixo, milhões de pessoas que aguardavam o início de nossa apresentação, no Rio, eu realmente percebi como nós tínhamos ido longe. Nossa ansiedade e adrenalina cresceram até chegarmos a hora da verdade, na praia de Copacabana. Foi impressionante. Atravessar a passarela que ligava ao palco foi uma alegria tão grande que nenhuma droga seria capaz de nos levar próximo daquilo. Antes de fazer nossa entrada no palco, desejamos boa sorte um ao outro, e como diria Keith, “a jaula estava aberta” (WOOD, 2006, p. 1)



IMAGEM 12: Público comemora na praia de Copacabana o anúncio do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas 2016. Foto: Reuters.¹⁹

¹⁹ Acessada através do site <http://www.uol.com.br>, em 24/11/2013.



IMAGEM 13 – Missa proferida pelo Papa Francisco na ocasião do encerramento da Jornada Mundial da Juventude, na Praia de Copacabana em 2013, para aproximadamente 3 milhões de pessoas.²⁰

²⁰ Acessada através do site <http://www.portaldepaulínia.com.br>, em 24/11/ 2013.

CAPÍTULO 2 - MOBILIZAÇÕES DAS MASSAS

2.1. Consciência do indivíduo

Abordaremos aqui o homem, tanto quanto indivíduo desassociado da massa como alguém incentivado a participar dela, as características dos aglomerados humanos e algumas manifestações de protesto históricas ocorridas no Brasil e no exterior.

As massas se organizam a partir da negação de uma ordem estabelecida. Não são, necessariamente, a totalidade de um grupo. Extratos sociais diversos unidos ou justapostos, como por exemplo, sindicatos ou partidos de esquerda, entram em confronto simbólico com os ideais de um setor serializado. No entanto, esse enfrentamento de fato, não ocorre. Indivíduos serializados submetem-se à sociabilidade do capital. Sua consciência imediata (aquela que remete a existência do homem diante de si mesmo no instante em que ele pensa ou age) observa de forma resignada a realidade, que continuará, segundo essas pessoas, imutável.

Antes de continuarmos a analisar as massas, observemos os indivíduos sob a perspectiva de sua consciência e moral.

O homem analisa o mundo que o rodeia através da consciência. Sentimentos de existência e morte estão arraigados nela. A essência humana e toda e qualquer fonte de conhecimento são partes da própria consciência.

Para Kant, o indivíduo só tem acesso à existência moral autêntica ao renunciar às facilidades do conformismo. O filósofo constrói este raciocínio a partir da distinção que faz entre ato realizado por dever e ato realizado conforme ao dever²¹. Um homem, ao agir por dever, faz uso da autonomia de seu desejo. Já aqueles que se submetem aos preceitos legais não estão, necessariamente, agindo sob a perspectiva moral. Os indivíduos que agem em cumprimento à lei, o fazem por temerem alguma punição. A moralidade não reside na ação, mas na determinação. No entanto, os indivíduos também podem agir no cumprimento do dever movidos por uma inclinação imediata. Neste caso, as pessoas adotam procedimentos sem saber os motivos que as levam a fazer isso. Por exemplo, o zelo pela vida não expõe qualquer vestígio de conteúdo moral. Mas somente a partir da supressão das inclinações, as ações passam a carregar valor moral.

²¹ Immanuel Kant, *Fundamentação da metafísica dos costumes*, Edições 70, 2007.

Na famosa frase de Descartes “*penso, logo existo*”, registrada em sua obra *O Discurso do método*²² o filósofo resume o espírito do racionalismo. Segundo a doutrina, a consciência fundamenta todo conhecimento. Somente o pensamento lógico conseguiria explicar a realidade.

Segundo Espinosa²³ estamos cientes de nossos desejos e representações e a nossa consciência, fonte de ilusões, nos proporciona um conhecimento incompleto. Assim, ela, ao não deflagrar um conhecimento real, torna-se propagadora de ilusões. O filósofo credita à consciência o fato do homem ser um ator perpetuamente ignorante.

Moral é o conjunto de hábitos e valores que conduzem as pessoas a viverem de determinada maneira. Dessa forma, cada indivíduo é direcionado a viver e a acreditar em certos valores. As sociedades primitivas já possuíam um senso de moral. A moral continua a impregnar as sociedades, muitas vezes, com conceitos e valores anacrônicos ao contexto da época. Ao observarmos o comportamento de uma determinada sociedade temos, obrigatoriamente, de levar em conta a composição de sua moral.

Em *Genealogia da moral*²⁴ Nietzsche comenta que os próprios homens de conhecimento não se conhecem, pelo simples fato de não procurarem a si mesmos. Sendo estranhos a si próprios, o autor afirma: “*cada qual é o mais distante de si mesmo*” (NIETZSCHE, 2009, p.7). Na obra, o filósofo defende que os nobres em alta posição e com grande poder, determinavam aquilo que, a partir de seus atos, deveria ser tido como bom. Neste caso, o *ethos* e o *pathos* protagonizavam processos de persuasão. Nietzsche registra que este *pathos* da distância possibilitou que os indivíduos nobres, dotados de conhecimento e poder, passassem a estabelecer o que é bom ou ruim, criando certos valores. O autor refuta esta dinâmica de valoração do homem superior. Nietzsche observa também que os indivíduos de alta estirpe, tinham influência na composição da própria linguagem. Estes ao dizerem “isso é isto” arrebatavam tamanho poder que se tornavam capazes de se apoderar de todas as coisas. Por causa desse contexto, o filósofo relativiza o conceito de “bom”.

Devido a essa providência, já em princípio a palavra “bom” não é ligada necessariamente a ações “não egoístas”, como quer a superstição daqueles genealogistas da moral. É somente com um declínio dos juízos de valor aristocráticos que essa oposição “egoísta” e “não egoísta” se impõe mais e mais

²² René Descartes, *O discurso do método*, Martins Fontes, 1996.

²³ Baruch Espinosa, *Coleção Os pensadores*, Nova Cultural, São Paulo, 1983.

²⁴ Friedrich Nietzsche, *Genealogia da moral*, Companhia das Letras, São Paulo, 2009

à consciência humana - é, para utilizar minha linguagem, o instinto de rebanho, que com ela toma finalmente a palavra (e as palavras). E mesmo então demora muito, até que esse instinto se torne senhor de maneira tal que a valoração moral fique presa e imobilizada nessa oposição (como ocorre, por exemplo, na Europa de hoje: nela, o preconceito que vê equivalência entre “moral”, “não egoísta” e “desinteresse” já predomina com a violência de uma “ideia fixa” ou doença do cérebro). (NIETZSCHE, 2009, p.17).

Segundo Adorno²⁵ a indústria cultural atua sobre os indivíduos para que os mesmos sejam impedidos de tomar decisões de forma independente. Uma massa desprovida de consciência torna-se vulnerável às ações de comércio fraudulentas, diante das quais os consumidores são sempre enganados.

2.1.1. O dever e o homem solitário

A construção de valores morais subentende a constituição de uma sociedade, seja ela numericamente grande ou não. No entanto, a sociedade necessariamente precisa existir para que os valores morais sejam constituídos e passem a circular pelos organismos sociais. Um homem que vive num estado de isolamento absoluto durante toda a sua vida, tem dificuldade para assimilar informações construídas fora de seu *habitat*.

Nietzsche, em *Além do bem e do mal* 6 no aforismo 226, retoma a proposição kantiana pertinente ao dever.

Nós, imoralistas! – Esse mundo que nos concerne a nós, no qual nós temos que temer e amar, esse mundo quase invisível e inaudível, de comandos e obediências sutis, um mundo de “quase” em todo sentido, espinhoso, insidioso, cortante, delicado: sim, ele está bem protegido de espectadores grosseiros e curiosidade confiante! Estamos envoltos numa severa malha de deveres, e dela não podemos sair – nisso precisamente somos, também nós, “homens do dever”! Ocasionalmente, é verdade, dançamos com nossas cadeias e entre nossas “espadas”; com mais frequência, não é menos verdade, gememos debaixo delas e somos impacientes com toda a secreta dureza do nosso destino. Mas não importa o que façamos, os imbecis e as aparências falam contra nós, dizendo: “Estes são homens sem dever” – sempre temos os imbecis e as aparências contra nós! (Nietzsche, 1993, pg. 132)

Outro ponto a ser observado é a impossibilidade de o indivíduo tornar-se anônimo na multidão, diante do fato de que este estaria, ao mesmo tempo, subjugado e dependente dos relacionamentos, posturas, interesses e do conhecimento compartilhado em rede.

²⁵ Theodor W. Adorno, Coleção “Os pensadores, Nova Cultural, São Paulo, 2005

Através da subjetividade, cada pessoa ocupa espaços na multidão. É possível perceber este movimento como sendo de uma dinâmica global.

2.2. Psicologia: indivíduos X massas

A psicologia analisa as ações e as relações de uma pessoa. No entanto, um indivíduo pode passar a pensar e a agir de modo completamente diferente ao se integrar a uma determinada aglomeração humana. Ao observarmos esta possibilidade, podemos levantar duas questões: Como essa massa psicológica consegue interferir na vida psíquica de um indivíduo? E como isso ocorre? Em *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*, Freud cita um trecho da obra *Psicologia das massas*, de Le Bon, para respondê-las.

O fato mais singular, numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente da que cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente. Certas ideias, certos sentimentos aparecem ou se transformam em atos apenas nos indivíduos em massa. A massa psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos que por um instante se soldaram, exatamente como as células de um organismo formam, com a sua reunião, um ser novo que manifesta características bem diferentes daquelas possuídas por cada uma das células (FREUD, 2011, p. 17).

Observemos, agora, a distinção entre sujeito e indivíduo. Indivíduo é o ser submetido à moral, a ordem dos direitos e deveres. Trata-se do cumpridor de regras, plenamente adaptado ao sistema. Já o sujeito, geralmente, não se manifesta em sua plenitude. Ambos habitam o mesmo território: o homem. Alan Touraine (2006) denomina este quadro em que um sujeito convive com um indivíduo de seu duplo. O elemento “sujeito” de cada pessoa luta pelos direitos dos indivíduos. A formação da consciência dos sujeitos, segundo Touraine, está atrelada à sua participação em conflitos. Os conflitos consolidam os sujeitos.

2.2.1. A identidade das massas

Analisaremos aqui uma das maiores massas do mundo para que possamos observar mais para frente algumas distinções dos grandes aglomerados humanos.

Anualmente, milhões de muçumanos se dirigem à Meca para realizarem rituais religiosos de desapego, arrependimento e reflexão. Em árabe, *hajj*²⁶ significa peregrinação. Todo muçumano deve ir ao *hajj* pelo menos uma vez na vida, desde que goze de saúde e de meios para fazer isso. Nesta ocasião, *sunistas* e *xiitas*²⁷ rezam lado a lado, relevando suas diferenças. O ritual, onde grupos de todo o planeta trajam vestimentas brancas e conduzem bandeiras de seus respectivos países, é a maior concentração humana, em torno de um dado evento religioso, no mundo. Este evento representa também um desafio logístico às autoridades sauditas.

Para comparecer ao *hajj*, considerado o último dos cinco pilares do Islamismo²⁸, o peregrino deve seguir algumas regras com o objetivo de que sua atitude tenha validade. Antes da peregrinação, os indivíduos precisam manifestar o desejo de participar da peregrinação, no entanto, para realizarem a viagem, não devem deixar suas famílias desprotegidas ou sem recursos. Também não devem contrair dívidas.

Próximo à Meca, o peregrino inicia o estado de *ihram*, algo como um ritual de sacralização, quando ele então veste roupas e sandálias que serão utilizadas durante o *hajj*. Durante o *ihram*²⁹, as pessoas não podem manter relações sexuais, discutir ou brigar fisicamente, cortar os cabelos e as unhas, usar perfumes, casar ou matar animais. Cumprida esta etapa, o peregrino reforça sua intenção de participar do *hajj*.

Ao ingressar na Grande Mesquita, cada pessoa se junta às demais. A partir deste momento inicia-se a etapa seguinte, onde cada indivíduo, inserido na multidão de peregrinos, efetua o *tawaf*, que compreende sete voltas no sentido anti-horário, em

²⁶ O *hajj* é um dos cinco pilares da religião islâmica. Os outros são: o testemunho, a reza, a esmola e o ramadã.

²⁷ O Islamismo possui várias vertentes, a principal delas dá-se justamente onde encontramos a divisão entre *sunistas* e *xiitas*. Os primeiros correspondem a 85% de todos os adeptos da religião islâmica do mundo, são os mais antigos e se consideram sucessores diretos de Maomé. Já os *xiitas* defendem que esta sucessão recaia sobre o nome de Ali, genro do profeta. Durante o *hajj* as duas correntes rezam lado a lado.

²⁹ O *Ihram* é o estado de consagração dos muçumanos antes de chegar a Meca. Neste estágio, os peregrinos vestem trajes humildes (duas peças de algodão para os homens e vestidos e véus simples para as mulheres). *Ihram* também é o nome destas vestimentas.

*Caaba*³⁰ As imagens desta fase do ritual costumam ser divulgadas todos os anos pela mídia, a cada edição do *hajj*. O vínculo que une toda a massa de muçulmanos não está ligado à territorialidade, mas à sua condição de igualdade diante da submissão comum a Alá.

Manuel Castells, em *O poder da identidade*³¹, comenta que toda e qualquer identidade é construída. A identidade, para ele, se baseia num atributo cultural ou em um conjunto de atributos inter-relacionados, que se sobressaem em relação a outras fontes de significado. No entanto, um indivíduo, ou mesmo um ator coletivo, pode ter identidades múltiplas. Alan Touraine³² relaciona o surgimento deste conceito à época de sua formulação. Segundo o filósofo, seu aparecimento ocorre na sociedade pós-industrial, quando o campo social ressurge com novos atores, sejam eles individuais ou coletivos, na cena política. Assim, os indivíduos passaram a ter força sobre a sociedade, reivindicando seus direitos e anseios, deixando de ser personagens subjugados pelas estruturas de dominação. Assim o autor define este período:

Um tipo de sociedade que aparece quando se passa do tema dos bens materiais ao dos bens culturais e quando o problema da cultura e da personalidade se torna mais importante, mais central do que o problema econômico (TOURAINÉ, 1970, p. 35).

Para compreendermos melhor esta proposição de Castells, devemos distinguir dois conceitos: identidade e papel (ou papéis). Por exemplo, uma pessoa pode ser mãe, professora, tabagista, atleta e vizinha. Ou seja, os papéis se encaixam em normas estabelecidas da sociedade. O autor defende que identidade é a fonte mais importante de significado. Castells propõe três formas e origens de construção das identidades: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto.

Identidade Legitimadora

Neste caso a identidade é introduzida por instituições dominantes, como igrejas, sindicatos, cooperativas, partidos políticos e etc. Esta dinâmica faz com que as

³⁰ Segundo o Islamismo, Deus teria ordenado a Abraão, que juntamente com seu filho Ismael, reerguesse a Caaba, uma construção cúbica. Em seguida, Abraão, seguindo as orientações de Deus, convocou o povo a peregrinar.

³¹ Manuel Castells, *O poder da Identidade*, Volume II, Paz e Terra, São Paulo, 1999.

³² Allan Touraine, *El sujeto. Un nuevo paradigma para comprender el mundo de hoy*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

instituições citadas, expandam e racionalizem sua dominação sobre atores sociais estruturados e organizados. Esta definição evidencia tanto o prolongamento da dinâmica do Estado como a solidez de sua permanência na sociedade e possibilita leituras distintas. Por exemplo, Antonio Gramsci³³ descreve a sociedade civil como uma série de aparatos que proporcionam o exercício da democracia e da civilidade. Já Michel Foucault³⁴ a observa como um esquema de imposição de identidade padronizada.

Identidade de resistência

Este modelo estabelecido por atores em posição de estigmatização e/ou desvalorização sob a perspectiva de lógica da dominação, esquematiza barreiras de resistência e sobrevivência. Ele se baseia em princípios distintos daqueles que compõem a sociedade, chegando a ser considerados opostos a eles. Por exemplo, grupos de indivíduos, em busca de moradia digna, que ocupam prédios abandonados no centro de São Paulo, têm em comum o desejo de viver em habitação própria e bem localizada. As pessoas que compõem estes grupos, geralmente recebem até dois salários mínimos, pagam aluguel caro (mesmo na periferia) e percorrem longos trajetos para chegar até o trabalho.

Muitas destas pessoas chegam ao final do mês sem dinheiro para pagar a locação de um imóvel. O direito à moradia digna é garantido no artigo 6º da Constituição³⁵. Somente uma resistência coletiva em espaços organizados pode chamar a atenção das autoridades. No entanto, estes grupos são excluídos das agendas públicas no ato de planejar as tomadas de decisões políticas.

Identidade de projeto

Aqui, os atores sociais utilizam algum material cultural para dar base para uma reconfiguração à procura da construção de uma nova identidade, buscando a redefinição de sua posição na sociedade. Um exemplo disto, seria a luta dos gays contra a homofobia. Nesta situação, os atores sociais se unem para derrubar as trincheiras de resistência de

³³ Antonio Gramsci, *Cadernos do Cárcere*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

³⁴ Michel Foucault, *Nascimento da biopolítica*, Martins Editora, São Paulo, 2008.

³⁵ Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. Art. 6º. São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

identidade que acomodam esta situação assentada na sociedade. Assim, os maiores interessados, ou seja, os grupos pertencentes às comunidades homossexuais, deixam de lado a resignação para, através de um projeto, e impulsionados por uma identidade oprimida, lutar pela inserção e transformação sociais.

2.3. Características das massas

Elias Canetti, em *Massa e poder*³⁶, destaca um traço comum entre as aglomerações humanas: uma irritabilidade em relação àqueles que consideram seus inimigos. São estes que poderão impedir que a massa aumente com rapidez. Sua dispersão pode ocorrer devido ao ataque de um agente externo, como por exemplo, a polícia. A fragmentação de aglomerados humanos pode ser temporária. A própria massa pode camuflar um inimigo em seu interior. Este pode não estar disposto a abdicar de sua vida pessoal para interferir na sociedade ou então, se sentir satisfeito com alguma proposta oferecida pelo “inimigo” em questão, seja ele, uma empresa, um agente ou uma instituição governamental. Esse tipo de comportamento confronta o indivíduo com a massa que o cerca. Assim, concluímos que o inimigo pode estar tanto fora como dentro dela.

Michael Hardt e Antonio Negri distinguem a massa de outras noções de sujeitos sociais coletivos:

As *massas* também se diferenciam do povo, pois tampouco elas podem ser reduzidas a uma unidade ou identidade. As massas certamente são compostas de todos os tipos e espécies, mas não se pode realmente afirmar que diferentes sujeitos sociais formam as massas. A essência das massas é a indiferença: todas as diferenças são submersas e afogadas nas massas. Todas as cores da população reduzem-se ao cinza. Essas massas só são capazes de mover-se em uníssono porque constituem um conglomerado indistinto e uniforme. (HARDT, NEGRI, 2005, pag. 13)

2.3.1 Propriedades das massas

Baseados nos conceitos desenvolvidos por Elias Canetti em *Massa e poder* (2011), observemos as propriedades das massas.

³⁶ Elias Canetti, *Massa e Poder*, Companhia das Letras, 2011, São Paulo.

Crescimento

Uma das vocações da massa é o crescimento. Ela nasce para expandir-se. Nenhuma barreira é capaz de impedir seu desenvolvimento. As aglomerações, ao serem confrontadas, reagem e se espalham para outras regiões.

Densidade

Densidade é a força da massa. Ela deseja sempre crescer para se fortalecer. Sua força maior se encontra justamente no momento em que ela apresenta maior densidade. Nenhuma massa é suficientemente densa.

Igualdade

Qualquer massa tem o poder de decretar aos indivíduos que todos são iguais. Essa condição é indiscutível e ela baliza o estado de todo agrupamento. É por causa desta situação de igualdade que uma massa de fato se estabelece como tal. Todos os propósitos por trás de sua formação movem-se a partir desta condição.

Direção

Toda massa se move em direção a alguma coisa. Esse movimento reitera a condição de igualdade entre todos os indivíduos que a integram. Sem esse sentido de unidade, o grupo se enfraquece e acaba por dissolver-se. A massa continuará a existir se houver uma direção a ser seguida por todos.

Um exemplo de massa que evidencia todas essas propriedades é a das formigas. Em um formigueiro, todas têm uma função específica para que cada comunidade seja mantida em funcionamento. Durante as 24 horas do dia, cerca de 40% delas estão em atividade. O restante, mesmo estando em repouso, pode, a qualquer momento, se disponibilizar para desenvolver alguma atividade.

As propriedades desenvolvidas por Canetti, no que se refere às massas, podem ser aplicadas no *hajj*. Anualmente, em Meca, os agrupamentos crescem, seguem uma direção, mantêm-se fortes e decretam aos peregrinos que todos ali são iguais.

2.3.2. Classificação das massas

Elias Canetti distingue cinco tipos de massas: massa de acossamento, massa de fuga, massa festiva, massa de proibição e massa de inversão. As massas de acossamento e de fuga são consideradas as mais antigas e podem ser encontradas também no mundo animal. As demais são características exclusivas da espécie humana.

Massa de acossamento

Este modelo se constitui com um único objetivo: realizar um extermínio de forma rápida. Sua constituição demanda o anúncio de seu objetivo. Nesta massa, cada indivíduo deseja matar o(s) escolhido(s). Sua pulsão é intensa. O objetivo é a vítima. Tanto ela quanto a intensidade do ataque perpetrado se equivalem se os colocarmos num jogo de forças.

Para cumprir seu objetivo, as pessoas se comprimem para agredir, atirar, perseguir, apedrejar, etc. As vítimas estão sempre à mercê deste modelo de massa. Seu único papel nesta cena é o de percorrer todo o sofrimento que o levará ao desfecho inevitável: a morte.

A massa de acossamento tem pressa para realizar suas execuções. Sob forte euforia, contando com elementos em estado insano, o grupo se une para eliminar sua presa. *“Trata-se de uma excitação de cegos que atingem o auge de sua cegueira quando subitamente creem estar enxergando”* (CANETTI, 2001, p. 48). Ele extermina e se dispersa, por se sentir ameaçado por causa do que acabou de cometer. No entanto, dependendo da identidade da vítima, ela se mantém durante algum tempo coesa e energética. Neste caso, o corpo, ou parte dele, faz as vezes de um troféu.

Esta massa pode agir de duas maneiras. Na primeira, ela condena sua vítima ao banimento, deixando-a livre para morrer de frio, sede, fome ou calor. A massa, por acreditar que a pessoa não tem mais nada a ver com ela, a expulsa de seu meio. A solidão pode ser vista como uma das formas mais cruéis de banimento da sociedade. A segunda possibilidade é de execução da vítima, por exemplo, através de apedrejamento ou de uso de fogo. Tais procedimentos isentam os indivíduos de terem cometido esses atos, porque a massa é que os fez.

O público que consome esse tipo de informação através da mídia, também pode ser considerado uma massa de acossamento um pouco mais abrandada. Esse segmento não necessita reunir-se. E ele está sempre à disposição para consumir mais informações afins, estando sempre isento de qualquer responsabilidade. Este modelo de massa consegue obter informações num estado de conforto. Esse público não se desagrega. A execução do ditador líbio Muamar Kadafi é um exemplo de informação que costuma ser consumida por esta massa. Podemos dizer que todas as pessoas que tiveram acesso aos detalhes da morte de Kadafi, participaram de seu assassinato.

Massa de fuga

Este modelo se constitui a partir de uma ameaça, que pode ser, por exemplo, a iminência de uma catástrofe, uma perseguição étnica ou uma briga entre dois grupos. Ao estarem coesos e seguindo pela mesma direção em fuga, indivíduos formam uma massa que, ao ser impedida de prosseguir, suscita que cada pessoa se torne inimiga de outra. Lembremos que a direção gera a força desta massa, que aumenta sua energia conforme cada indivíduo se integra a ela. O perigo é comum a todos, mas algumas pessoas se descolarão da massa, perdendo a própria vida. Estes indivíduos, simbolicamente realizam um sacrifício em prol dos demais, que continuam lutando para sobreviver. Ao alcançar sua meta, o final da fuga, esta massa dissipa-se.

Massa festiva

Este grupo tem como meta desfrutar o prazer num espaço físico determinado. As pessoas que participam deste grupo, em momento algum se sentem ameaçadas. O clima é de descontração. Esta massa não tem uma meta. A festa é a própria meta. Cada um terá uma experiência única ao participar dela. As movimentações ocorrem sem direção, onde as pessoas passam rentes umas às outras. Grandes concertos de rock são exemplos de massas festivas.

Massa de proibição

Essas massas surgem a partir de uma proibição. Esses grupos, ao serem formados, passam a negar ordens vindas do que está fora de sua estrutura. O que as pessoas faziam anteriormente é interrompido bruscamente por causa da decisão de paralisação coletiva. Neste instante, todas as pessoas tornam-se iguais, independente da atividade que

desempenhavam anteriormente. A organização desta massa deve ficar atenta para, diante da iminência da mesma se enfraquecer, tomar a atitude imediata de suspender a proibição. Nesse instante, esta massa se desfaz.

As greves são um exemplo de massa de proibição. Nelas, as categorias profissionais usam de artifícios para darem visibilidade às suas insatisfações e demandas. As greves se originam, geralmente, a partir de decisões de associações representativas, onde uma massa inicial se reúne para decidir se haverá paralisação ou não. Muitas vezes, esses movimentos são vistos como atos de desordem ou de manipulação política. As primeiras greves no Brasil ocorreram no final do século 19. Até a consolidação das leis trabalhistas, a legislação não reconhecia os direitos do trabalhador. Até esta época as manifestações eram fortemente reprimidas, por serem consideradas expressões contra a ordem pública. No entanto, é inegável que as ações de muitas massas de proibição conseguiram importantes avanços para a sociedade. São exemplos disso, a regulação da jornada de trabalho e a igualdade de direitos para mulheres.

Massa de inversão

Esses agrupamentos pressupõem sociedades estratificadas. Aqui as massas atuam para quebrar barreiras que garantem direitos a certos grupos e não a outros. Essas ações demoram a acontecer, porque a configuração desigual das sociedades precisa estar consolidada. Elas surgem quando determinados grupos passam muito tempo subjugando outros. A insurgência se solidifica com o acúmulo de insatisfações. Mas ela só consegue agir quando a força de reação é encampada coletivamente. Sua força consiste em derrubar ordens estabelecidas. Um exemplo de massa de inversão é a deposição de ditadores.

2.4. Massas históricas

Observemos agora alguns agrupamentos humanos que se transformaram em marcos históricos. Assim como acontece no *hajj*, todos eles se submetem às propriedades desenvolvidas por Canetti.

Comício pelas reformas de base



IMAGEM 14 - Comício pelas Reformas de Base. 13/03/1964. Sem crédito.³⁷

O Comício pelas Reformas de Base, ocorrido no dia 13 de março de 1964, quando o presidente João Goulart discursou para cerca de 200 mil pessoas na Central do Brasil (Rio de Janeiro), teve grande impacto nos setores mais conservadores da sociedade, que não concordavam com as propostas de mudança, que incluíam reformas em várias áreas. O evento, transmitido ao vivo por rádio e TV, foi o estopim para a reação de setores conservadores ao projeto encampado por Goulart.

João Goulart, ao assinar dois decretos antes do comício, fez com que o evento ganhasse uma conotação política ainda maior. Um deles, o da Superintendência Regional de Política Agrária, autorizava a desapropriação de áreas próximas a estradas, ferrovias e zonas de irrigação. O outro nacionalizava as refinarias particulares de petróleo.

Esta manifestação foi uma estratégia para mobilizar a população e pressionar o Congresso para a aprovação do projeto das reformas.

³⁷ Acessada através do site <http://www.google.com>, em 10/01/2014

Marcha da família



IMAGEM 15 - Marcha da Família. 19/03/1964. Sem crédito.³⁸

Setores conservadores da sociedade, insatisfeitos com as Reformas de Base, anunciadas pelo então presidente João Goulart, reuniram-se a partir de 19 de março de 1964, em eventos realizados em algumas cidades do país. Estes eventos ficaram conhecidos como “A Marcha da Família com Deus pela Liberdade”. Foi uma reação da classe média e das forças reacionárias da época, a supostos projetos socialistas do governo.

Essas manifestações geraram massas em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba, que acabaram dando sustentação popular ao golpe militar de 1964.

³⁸ Acessada através do site <http://www.globo.com>, em 10/01/2014

Passeata dos cem mil



IMAGEM 16 - Passeata dos cem mil. 26/06/1968. Sem crédito.³⁹



IMAGEM 17 - Passeata dos Cem Mil. 26/06/1968. Sem crédito.⁴⁰

A manifestação ocorrida em 26 de junho de 1968 que ficou conhecida como Passeata dos Cem Mil, originou-se a partir do descontentamento dos estudantes em

³⁹ Acessada através do site <http://www.google.com>, em 10/01/2014

⁴⁰ Acessada através do site <https://catracalivre.com.br/geral/design-urbanidade/indicacao/dez-fotos-historicas-da-passeata-dos-cem-mil/>, em 10/01/2014

relação à ditadura e a política educacional do governo. Além de manifestantes estudantis, participaram deste evento artistas, intelectuais e um grande número de mães e religiosos. O movimento estudantil, desde 1967, tinha se posicionado como uma das maiores oposições à ditadura militar. A partir de 1968, várias manifestações dos estudantes passaram a ser reprimidas com violência. A repressão aos estudantes chegou ao ápice quando um restaurante universitário do Rio de Janeiro, conhecido como Calabouço, foi invadido pela polícia militar. Na ocasião, um policial matou o estudante Edson Luís com um tiro a queima roupa. Os estudantes costumavam fazer suas refeições neste refeitório popular, subsidiado pelo governo. O Calabouço concentrava focos de resistência ao regime militar.

A política de privatização do governo pretendia instituir o ensino pago (principalmente em nível superior) e direcionar a formação dos jovens para atender às demandas econômicas das empresas instaladas no Brasil. Estas diretrizes atendiam os anseios norte-americanos, que tinham grande influência junto ao MEC.

Diretas Já



IMAGEM 18 – Movimento Diretas Já. 25/01/ 1984. Crédito: Rogério Reis⁴¹

⁴¹ Acessada através do site <http://www.veja.abril.com.br>, em 10/01/2014

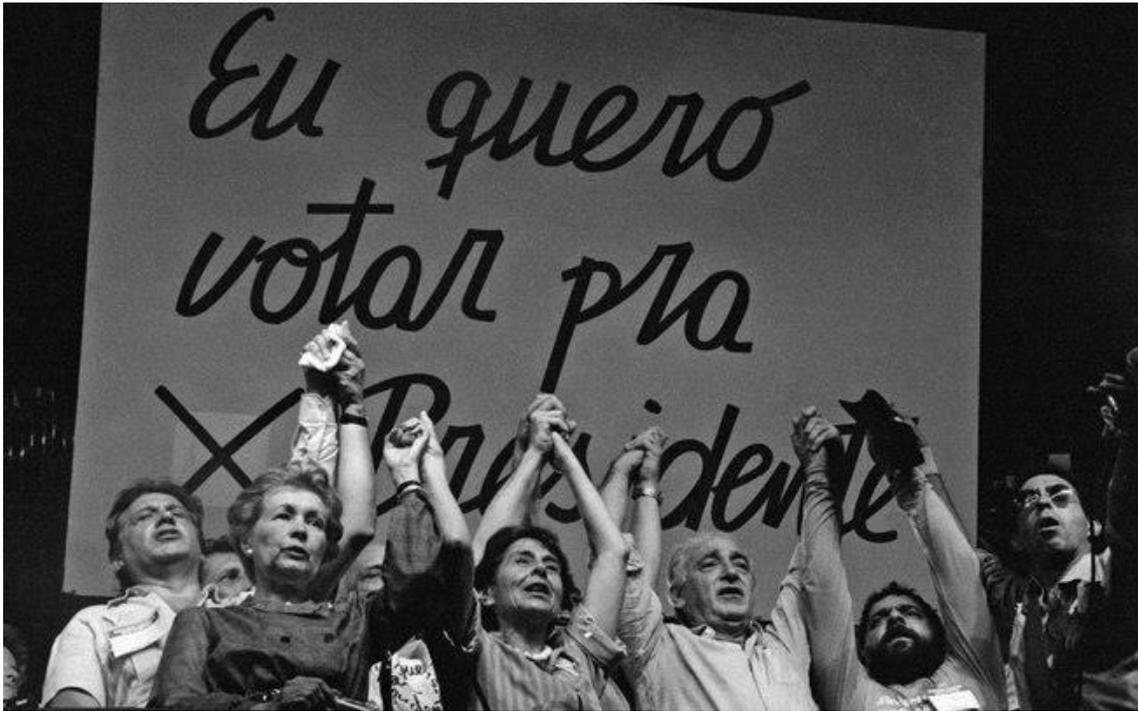


IMAGEM 19 – Movimento Diretas Já. 25/01/1984. Sem crédito.⁴²

O movimento Diretas Já, que pedia a volta das eleições diretas, atraiu cerca de 300 mil pessoas à Praça da Sé, em São Paulo, no dia 25 de janeiro de 1984. No palanque, políticos, intelectuais, atletas e artistas discursaram, pedindo o restabelecimento da democracia, que viria caso a Emenda Constitucional Dante de Oliveira fosse aprovada pelo governo.

Após este comício, surgiram várias manifestações em outras capitais do país. São Paulo voltou a sediar outro ato, em 16 de abril do mesmo ano, no Vale do Anhangabaú, reunindo cerca de um milhão e meio de pessoas.

Mesmo diante do enorme engajamento popular e da cobertura dos meios de comunicação a Emenda não foi aprovada.

⁴² Acessada através do site <http://www.surgiu.com.br>, em 10/01/2014

Caras pintadas



IMAGEM 20 - Caras Pintadas, 1992. Sem crédito.⁴³

Em 1992, estudantes de ensino médio e superior, saíram pelas ruas de várias cidades vestidos de preto e com o rosto pintado de verde e amarelo, para pedir o afastamento do presidente Fernando Collor de Mello. Muitos deles seguiram orientações de lideranças estudantis.

O dia, que ficou conhecido como “domingo negro”, teve origem num pedido de Collor, que convocou a população a ir às ruas de verde e amarelo. No entanto, a enorme rejeição ao seu governo levou multidões a se vestirem de preto em forma de protesto. Diante de tamanha crise política, o processo de impeachment foi aprovado pela Câmara dos Deputados.

⁴³ Acessada através do site <http://www.capacitacao43.wordpress.com/tag/caras-pintada>, em 10/01/2104

Movimento Passe Livre / Manifestações de junho de 2013



IMAGEM 21 – Protestos de junho de 2013. Crédito: Mídia Ninja⁴⁴



IMAGEM 22 - Protestos de junho de 2013. Mídia Ninja⁴⁵

⁴⁴ Acessada através do site <http://www.ebc.com.br>, em 11/01/2014.

⁴⁵ Acessada através do site <http://www.ebc.com.br>, em 11/01/2014.

Em junho de 2013, o Movimento Passe Livre (MPL) reuniu milhares de pessoas nas ruas de São Paulo para pressionar o prefeito Fernando Haddad e o governador Geraldo Alckmin a desistirem de ajustar as tarifas dos transportes públicos. O movimento criado no Fórum Mundial de Porto Alegre, em 2005, tem como bandeira a reivindicação de tarifa zero. Em consequência das manifestações, em algumas cidades, prefeitos voltaram atrás renunciando ao reajuste de tarifas.

O MPL se apresenta como um movimento apartidário, autônomo e horizontal, sem destacar nenhum líder ou cúpula entre seus integrantes. Em pouco tempo, outras causas e grupos de direita passaram a integrar as manifestações. Os integrantes da organização utilizam celulares e rádios para se comunicar durante as marchas, que têm seu trajeto definido na hora em que estão em movimento. Em todas as manifestações, os organizadores dos eventos fazem gestos para organizar a massa que os obedece. Antes de cada protesto, membros do MPL se encontram para traçar planos, fazer panfletagens e utilizar redes sociais para comunicar suas ações. Esta terceira estratégia tirou da grande mídia a responsabilidade de convocar a população a se engajar nos protestos. Em um primeiro momento, vários veículos se posicionaram contra o que estava ocorrendo nas ruas, posição contrária ao que aconteceu nas ocasiões das aglomerações decorrentes dos movimentos Diretas Já e Caras Pintadas. As redes sociais, que formam um meio de comunicação independente do controle da grande mídia, praticamente, monopolizaram as atenções do público que participou desses eventos, seja como manifestante nas ruas ou como ativista digital.

No entanto, a grande mídia ainda desempenha um papel importante na formação política do brasileiro. A televisão tem grande peso neste jogo e passou a ter mais equilíbrio com o advento das redes sociais. Abordaremos o assunto mais adiante nesta pesquisa.

Maio de 68



IMAGEM 23 – Movimento Maio de 68. Sem crédito.⁴⁶

Manifestações estudantis que pediam reformas para o sistema educacional deram início a este momento histórico de profundas transformações comportamentais, culturais e políticas, que deixaram forte legado no decorrer do século 20. Um sentimento de grande insatisfação levou a massa estudantil a lutar por uma realidade distinta daquela em que viviam. Em um segundo momento, a classe trabalhadora se juntou a eles. As manifestações desestabilizaram o governo do então presidente Charles de Gaulle, na França. As revoltas chegaram também a outros países, como Brasil e Espanha.

⁴⁶ Acessada através do site <http://mixhmix.blogspot.com>, em 11/01/2014.

Primavera árabe



IMAGEM 24 - Pichação em Tunis, 22/01/2011/ Finbarr O'Reilly/Reuters⁴⁷



IMAGEM 25 - Manifestação pela renúncia do presidente Ali Abdullah Saleh, Sanaa, Iêmen, 01/03/2011. Muhammed Muheisen/AP⁴⁸

A Primavera Árabe eclodiu em 2011, em países do Oriente Médio e norte da África, foi uma sucessão de protestos e revoluções, quando milhões de pessoas saíram às

⁴⁷ Acessada através do site <http://blogs.estadao.com.br/olhar-sobre-o-mundo/um-ano-de-primavera-arabe/#/>, em 11/01/2014.

⁴⁸ Acessada através do site <http://blogs.estadao.com.br/olhar-sobre-o-mundo/um-ano-de-primavera-arabe/#/>, em 11/01/2014.

ruas para reivindicar democracia e/ou melhores condições de vida. As manifestações acontecerem na Tunísia, Líbia, Egito, Argélia, Síria, Bahrein, Marrocos, Iêmen, Jordânia e Omã. As redes sociais tiveram papel importante nesses conflitos ao prover o mundo de informações sobre o que estava ocorrendo nas ruas.

O documentário *18 days in Egypt*⁴⁹ contou com a contribuição de pessoas que vivenciaram o movimento popular que derrubou o ditador Hosni Mubarak no início de 2011. O filme é resultado de uma dinâmica colaborativa, onde egípcios de várias partes do país puderam contar suas histórias, através do envio de fotos, textos e vídeos.

Occupy NY



IMAGEM 26 - Movimento Occupy NY, 2011. Sem crédito⁵⁰.

A ganância, a corrupção, a grande influência de empresas sobre o governo e, principalmente, as desigualdades sociais, foram as principais reivindicações do movimento que se instalou no Zucotti Park, em Wall Street, entre 17 de setembro e 15 de novembro de 2011. Os manifestantes acamparam no local, porém posteriormente foram obrigados a desocupar a região.

⁴⁹ Produção e direção: Jigar Mehta e Yasmin Elayat, Egito, 2012.

⁵⁰ Acessada através do site http://spaceandpolitics.blogspot.com.br/2011/11/occupy-wall-street-as-node-of-resonance_14.html/, em 12/01/2014.

Protestos semelhantes ocorreram em outras cidades americanas (como São Francisco, Chicago, Boston, Los Angeles e Portland) e em outros centros urbanos do mundo.

Os movimentos Occupy tiveram em comum, uma agenda extensa de reivindicações, que em um primeiro momento fortaleceu os protestos. O uso de mídias sociais e sua organização horizontal também foram força de atração de um público que estava cansado de estruturas tradicionais de protesto.

Movimento 15M



IMAGEM 27 - Segundo aniversário do movimento 15M na Praça Porta do Sol, em Madri. 12/05/2013. Crédito: Agência Efe.⁵¹



IMAGEM 28 - Membros do grupo Stop Desahucios tentam evitar despejo de família cubana em Alicante. 07/05/2013. Crédito: Agência Efe⁵²

⁵¹ Acessada através do site <http://www.operamundi.uol.com.br/>, em 12/01/2014.

⁵² Acessada através do site <http://www.operamundi.uol.com.br/>, em 12/01/2014.

Após um protesto em diversas regiões da Espanha, em 15 de maio de 2011, surgiu o movimento 15M, que concentra suas críticas às políticas econômicas do governo que objetivam conter a crise. A organização defende que as necessidades da população não podem ser colocadas em segundo plano para contentar os poderes econômicos. A eliminação da proteção social e dos direitos trabalhistas e sociais suscitou o surgimento deste movimento espontâneo baseado em mobilizações coletivas.

O grupo organizou acampamentos que, ao serem desmantelados, deram origem a outros que foram armados em lugares diferentes, deixando perplexos os poderes públicos. Na Praça Puerta Del Sol em Madri, o movimento chegou a permanecer durante três semanas. As ações do 15M ocuparam mais espaços na mídia do que os noticiários sobre eleições locais e regionais, que estavam para acontecer.

Após deixarem a Praça Puerta Del Sol, os manifestantes mantiveram ali um ponto de comunicação, e partiram para outras regiões da cidade e do país. O movimento 15M chegou a outros países por meio de espanhóis residentes e de simpatizantes que se manifestaram diante de embaixadas espanholas.

O movimento continua em atividade e promove passeatas e assembléias em bairros, dificultando o despejo de pessoas com dívidas de hipotecas e a captura de imigrantes ilegais. Com o desgaste do Partido Socialista Obrero, o Partido Popular saiu vitorioso nas urnas, assumindo praticamente todo o poder institucional do país.

2.5. Novos atores



IMAGEM 29 - Equipamentos de transmissão de dados do grupo Mídia Ninja. 2013. Sem crédito⁵³.

⁵³ Acessada através do site <http://militanciaviva.blogspot.com.br/>, em 12/01/2014.

Mídia Ninja

As manifestações ocorridas em junho de 2013 destacaram dois novos atores. Um deles é o coletivo Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, conhecido como “Mídia Ninja”. O grupo, munido de telefone celular e conexão 3G, integrou-se às massas de manifestantes para desenvolver uma cobertura jornalística engajada, participando dos fatos em exibição. As informações são transmitidas em estado bruto, sem passar por edição. Esta forma de atuação resgata a figura do repórter das ruas, personagem que ficou em segundo plano no jornalismo convencional.

Ao portar um aparelho de celular que grava som e imagem, qualquer pessoa consegue registrar informações que podem não ser captadas pela mídia convencional. Outro ponto a favor das atividades desempenhadas pelo grupo é sua capacidade de mostrar fatos em tempo real, o que é impossível, muitas vezes, para a televisão, obrigada a seguir com sua grade de programação.

Durante a visita do papa Francisco ao Rio de Janeiro, manifestantes entraram em choque com forças de segurança e somente os repórteres do Mídia Ninja transmitiram o confronto em tempo real.

Black Blocs



IMAGEM 30 - Grupo de manifestantes que utiliza a tática Black Bloc, 2013. Sem crédito⁵⁴.

⁵⁴ Acessada através do site <http://www.veja.abril.com.br>, em 12/01/2014.

A tática *black bloc*, surgida no início dos anos 80, tem raízes históricas no movimento “automista”, conhecido como *Autonomen*, de Berlim Ocidental e se distingue de outras, pelo fato de seus adeptos utilizarem sempre roupas pretas. Apesar de sua caracterização visual se mostrar ofensiva, muitos manifestantes *black blocs* já participaram pacificamente de protestos. A cor preta dos trajes dos *black blocs* tem inspiração no *anarcopunk*.

Com origens ideológicas diversificadas (ambientalismo, anarquismo, feminismo radical e marxismo), o *Autonomen* atuava sem líderes ou representantes. Agindo de forma participativa, a tática coadunava autonomia individual com autonomia coletiva, o que traduzia um discurso subliminar de garantia de liberdade.

Na Alemanha, os grupos autônomos atuavam politicamente para protestar contra o pagamento de aluguéis e para reivindicar reapropriações de edifícios, com o intuito de transformá-los em lares e espaços para desenvolvimento de atividades políticas. Nesses locais, havia bibliotecas, cafés, salas de reunião e espaços para apresentações de artistas engajados. O *Autonomen* também perseguiu neonazistas xenófobos. Nessas ocasiões, os adeptos da tática utilizavam bastões, capacetes e escudos improvisados.

A chegada da tática *black bloc* aos Estados Unidos pode ter acontecido em janeiro de 1991, quando uma manifestação atacou o prédio do Banco Mundial, em Washington, para protestar contra a participação americana na Guerra do Golfo. A tática, mais uma vez, ganhou visibilidade na revolta que ficou conhecida como “A batalha de Seattle”. Em 30 de novembro de 1999, um grupo de *black blocs*, revoltado com a rodada de negociações da Organização Mundial do Comércio (OMC), ultrapassou o cerco policial e destruiu veículos e propriedades. Nesta ocasião, a mídia divulgou as ações de forma bastante negativa. Os *black blocs* passaram a ser conhecidos como grupos de pessoas mascaradas que usam trajes pretos para atacar alvos econômicos e políticos. O anonimato coletivo protege a identidade dos indivíduos, evitando todas as formas de criminalização dos mesmos, sem revelar também líderes carismáticos entre os manifestantes. Ao estarem com aspecto unificado, sugerem à audiência e ao *establishment*, compor uma só massa.

Na década de 1990, a disseminação das informações sobre a tática circulou por meio de fanzines, de contatos pessoais entre ativistas em trânsito, de turnês de bandas punks e da contracultura punk e de extrema-esquerda (ou ultraesquerda).

Os *black blocs* desejam audiência nos meios de comunicação de massa. Assim, não se importam quando acreditam que a maneira de chamar a atenção para as suas causas, deva ser através de ações violentas, que incluem a destruição de patrimônio público e privado. Trata-se de uma ação deslocada das manifestações convencionais. A tática é basicamente contra a ordem das coisas orquestradas pelo capital. Por isso, bancos, prédios de empresas multinacionais e joalherias costumam ser alvos de depredação.

A tática não está atrelada a programas ou estatutos, não abriga membros, mas ideias e utopias. *Black blocs* não possuem uma estratificação definida. Entre eles pode haver pessoas politizadas e alienadas em busca de emoção. Nas manifestações de junho de 2013 no Brasil, a tática *black bloc* teve grande visibilidade na mídia.

A massa de *black blocs* desaparece logo após as manifestações. Ela também não existe antes de cada protesto. As redes sociais, como o Facebook, costumam ser o canal de comunicação entre os ativistas para organizar os atos. Nesses canais, eles costumam publicar fotos e vídeos. Através desses meios, os *black blocs* organizaram, por exemplo, o fechamento de pontes no Cairo e os ataques ao palácio presidencial do Egito.

Neste capítulo, abordamos a potência humana como força motriz destes eventos. Vimos também o ser sujeito (TOURAINÉ, 2006) frente a todas essas manifestações.

CAPÍTULO 3 - CRUZES

3.1. Significados das cruzes

Vamos dissertar aqui sobre alguns dos vários significados do símbolo que rege este formato de manifestação. A cruz tem origem desconhecida. Sua conotação, geralmente, carrega cunho religioso, mas pode emitir também outros significados, sejam eles místicos, filosóficos, sociológicos ou esotéricos. Na Índia, este símbolo universal em movimento exprime o desejo de boa sorte. Os egípcios o consideravam um instrumento para chegar à imortalidade. Ela esteve presente também na cultura de civilizações antigas, como a dos romanos, celtas, persas, fenícios, entre outros.

Ao observá-la na sua acepção mais conhecida, nos deparamos com duas retas perpendiculares com dimensões distintas. A maior sugere o corpo de um avião. A menor, suas asas. A intersecção que as envolve nos remete à figura de uma encruzilhada. Uma cruz fincada no chão pode representar a tomada de posse de um território ou a localização de uma sepultura.

Pitágoras elaborou uma teoria denominada matemática sagrada que seria utilizada por Deus para se manifestar através de números. O símbolo da cruz estaria relacionado ao número quatro que representaria a ordem no mundo. Neste caso, as quatro hastes simbolizariam o equilíbrio da criação⁵⁵.

Com seus dois eixos dispostos em intersecção que associam o celestial com o terreno, o símbolo em seu modelo básico, representa o choque de universos distintos e seu crescimento. O encontro de eixos opostos representa lados antagônicos como, por exemplo, a vida e a morte. Assim, a cruz também pode ser vista como um símbolo de expansão. A crucificação de Cristo, relacionada ao conhecimento das oposições, proporciona o acesso ao centro do homem, ou seja, à sua iluminação. Antes de estar atrelado ao cristianismo, o símbolo era utilizado por religiões pagãs⁵⁶. Vejamos agora alguns modelos de cruzes⁵⁷:

⁵⁵ Fonte: http://www.ecclesia.net.br/biblioteca/miscellaneous/cruz_suas_formas_e_seus_significados.html
- Acessado em 10/07/14 às 11h.

⁵⁶ Ibid.

⁵⁷ Ibid.

A) Cruz Latina



O símbolo cristão mais conhecido recebe o nome de Cruz Latina. Utilizada pelos romanos para executar criminosos, este modelo de cruz nos faz lembrar o sacrifício de Jesus que ofereceu sua vida pelo pecado dos homens. Outras representações para esta cruz são a ressurreição e vida eterna.

B) Cruz de Santo André



Conhecida como Cruz de Santo André, ela simboliza a humildade e o sofrimento. O santo que dá nome a este modelo de cruz pediu para não ser crucificado da mesma maneira que Jesus. Assim, sua vida teria sido ceifada em um modelo como este.

C) Cruz de Santo Antonio



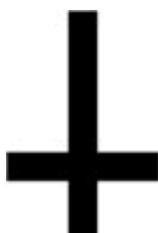
A Cruz de Santo Antonio tem esta denominação por reproduzir a letra grega “*Tau*”. É considerada a cruz da profecia ou do Antigo Testamento. Simboliza, entre outras coisas, a haste utilizada por Moisés para suspender a serpente no deserto. É popularmente conhecida como Cruz de Santo Antonio.

D) Cruz Grega



A Cruz Grega (ou Cruz Quadrada) apresenta as duas hastes em dimensões iguais, simbolizando a união dos opostos.

E) Cruz do Apóstolo São Pedro



A Cruz do Apóstolo São Pedro simboliza a forma que este santo teria sido crucificado.

F) Cruz do Calvário



A Cruz do Calvário fixada sobre três degraus representa a subida de Jesus ao Calvário. Ela simboliza também o amor, a fé e a esperança.

G) Cruz Bizantina



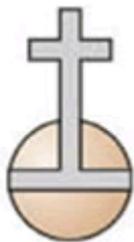
Esta cruz é utilizada pela Igreja Ortodoxa Grega.

H) Cruz Ortodoxa



A Cruz Ortodoxa (Eslava ou Cruz de Páscoa) inicialmente utilizada em igrejas de países eslavos traz em seu braço superior a inscrição abreviada "INRI", que Pilatos colocou sobre a cabeça de Jesus. A inclinação da haste inferior tem significado impreciso. Uma corrente defende que um terremoto durante a crucificação de Cristo teria inclinado este braço. Outra explicação se baseia no aspecto da Cruz de Santo André, fundamentando-se no fato em que o Cristianismo foi introduzido nos países eslavos por Santo André. A cruz deste santo tem formato em X.

I) Cruz Triunfante



A Cruz Triunfante, símbolo da evangelização mundial e representa o triunfo final e reinado de Jesus Cristo.

J) Cruz da Paixão



Suas extremidades pontiagudas representam o sofrimento de Cristo durante a sua crucificação.

K) Cruz Latina com Proclamação



Cruz Latina com Proclamação traz a inscrição que representa as iniciais de Jesus de Nazaré, o Rei dos Judeus.

L) Cruz Ansata



A Cruz Ansata, um dos mais importantes símbolos da cultura egípcia, representa a regeneração e a vida eterna.

M) Cruz Ancorada



A Cruz Ancorada, símbolo de São Clemente, que teria sido amarrado a uma âncora e lançado ao mar por ordem do imperador Trajano, representa também a esperança dos cristãos em Cristo.

N) Cruz de Malta



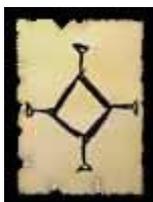
A Cruz de Malta ou das Bem-Aventuranças foi o símbolo dos Cavaleiros de São João, que foram levados pelos turcos de Rodes para ilha de Malta.

O) Cruz Céltica



A Cruz Céltica ou Irlandesa é utilizada pelos cristãos celtas na Grã Bretanha e na Irlanda.

P) Cruz de Anu



A Cruz de Anu, utilizada tanto por assírios como caldeus, representava o Deus Anu. A cruz simboliza a irradiação da divindade.

Q) Cruz Quadriculada



A Cruz Quadriculada representa a pregação do evangelho nos quatro cantos da Terra.

R) Cruz Batismal



A Cruz Batismal forma uma cruz com oito braços. Como o número oito simboliza o renascimento e a regeneração, ela é usada como cruz batismal.

S) Cruz de Santiago



A Cruz de Santiago é a insígnia da Ordem de São Tiago, fundada em 1160 para defender os peregrinos que se dirigiam ao Santo Sepulcro, do apóstolo São Tiago de Compostela.

T) Cruz Trevo



A Cruz Trevo tem na ponta de seus braços um desenho que remete à figura de um trevo.

U) Cruz da Vitória



A Cruz da Vitória ou das Astúrias simboliza a vitória de Dom Pelavo sobre os muçulmanos na batalha de Covadonga⁵⁸.

3.2. Símbolos sagrados

Os símbolos sagrados, sejam eles auditivos, gestuais ou visuais (como as cruzes), possuem uma face aparente e outra oculta. Os reconhecemos no instante em que penetramos em universos misteriosos e abrimos as portas de nossa intuição. Segundo Marc Girard, a etimologia nos ensina que o símbolo “*implica, primeiramente, uma dualidade; depois, uma unificação: junto duas coisas.*” (GIRARD, 2008, p.310)

A escuridão sempre foi um território ligado ao desconhecido e, conseqüentemente, ao medo. Sem iluminação somos presas fáceis de algozes simbólicos capazes de transitar nestes universos obscuros. Mesmo quando estamos dormindo ficamos expostos ao que poderíamos chamar de “visitações de outros mundos”. Bill Brandt, consagrado fotógrafo britânico, conseguiu captar imagens surreais impregnadas de abstração. Na imagem denominada *A lanterna mágica dos faróis de um carro*, de 1945, Brandt pontuou a escuridão, iluminando o breu da morte, representado pelas cruzes à mostra por trás do muro de um cemitério.

⁵⁸ Primeira grande batalha da Reconquista Cristã, ocorrida em 718, em Covadonga, região espanhola das Astúrias.



IMAGEM 31- Noite, de Bill Brandt⁵⁹.

O símbolo é a representação de uma realidade oculta. Ele nomeia as coisas e não as interpreta. No caso das cruzes, o símbolo é visual, mas ele pode ser ainda auditivo. Os símbolos sagrados intermediam duas realidades, aquelas que são conhecidas e as desconhecidas. Assim, através do conhecimento, constitui-se uma via simbólica, diante da qual o homem toma contato com aquilo que conhece, constituindo uma ligação entre o que somos e o que conhecemos.

Conseguimos nos situar no mundo do desconhecido graças à intermediação dos símbolos. Assim, passamos a tomar conhecimento de seus significados e de nós mesmos. Nossos sentidos são tocados por realidades distantes e, a partir destes contatos, somos

⁵⁹ BRANDT, Bill ; ALVAREZ. A. Noite, 1996, p.176

levados a outras regiões. Os símbolos sagrados testemunham os universos que tangem o desconhecido. Por captar uma ideia, que se manifesta como uma energia oculta, o que eles expressam e o que carregam em si se relacionam harmoniosamente.

Para que um símbolo se manifeste, ele precisa tocar situações existências do indivíduo. O símbolo “projeta para fora de si, para um significado obscuramente pressentido”. (JUNG, 2011, p.644)

Os símbolos mais conhecidos são replicados mundo afora. No Brasil, a cruz, foco deste estudo, é encontrada em igrejas, no pescoço de pessoas, em residências, estabelecimentos comerciais, dentro de automóveis e etc. É comum vê-la compondo cenários, capas de disco e mesmo como adereço de músicos dos mais variados estilos. Adeptos da cultura gótica, além de trajarem roupas pretas, utilizam também a cruz para manifestar seu estado de tristeza.

A cruz, sob a perspectiva de objeto divino, proporciona a conexão do homem com o sagrado. O símbolo em questão confronta o infinito que permeia o universo das religiões e dos mistérios acerca da certeza do fim da vida. Para os romanos, ele representou a lenta e agonizante condenação à morte. Entre tantas representações, como a crucificação de Jesus e sua paixão pela humanidade, a cruz simboliza também a fronteira entre o mundo dos vivos e o dos mortos. “A morte é a pior violência que se pode sofrer: é portanto extremamente maléfica.” (GIRARD, 2008, p.311). No entanto, apesar deste paradoxo, a morte está presente em vários ciclos da vida, como, por exemplo, na passagem de uma estação climática a outra⁶⁰.

O sofrimento permeia a história do Cristianismo que se baseia na dolorosa trajetória da humanidade. Ao expressar arrependimento, através de lágrimas e da dor, os cristãos antigos acreditavam estar honrando a Deus da melhor maneira possível. Ou seja, esta dinâmica restabelece a conexão entre o homem e sua divindade maior. Lembremos que o sofrimento de Cristo na cruz foi a conciliação da humanidade com

⁶⁰ No solo, podemos observar a importância da morte para a manutenção da vida na essência de seu ciclo. Em sua formação há matéria mineral, água e ar. O restante é composto por material orgânico. Organismos vivos como bactérias e minhocas também estão presentes. O material orgânico representa uma pequena fração de massa da composição do solo. No entanto, ele é fundamental para a vida vegetal. Por exemplo, folhas caídas podem reter água em solos arenosos, fornecer suprimentos de nutrientes como fósforo e nitrogênio, que proporcionam o crescimento das plantas. Fonte: http://www.uenf.br/uenf/centros/cct/qambiental/so_composicao.html - Acessado em 2/07/14 às 13h.

Deus. A dor proporciona a redenção. O filósofo alemão Ludwig Feuerbach relaciona o sofrimento com o Cristianismo.

A religião cristã é a religião do sofrimento. As imagens do crucificado, que até hoje encontramos em todas as igrejas, não representam um redentor, mas somente o crucificado, o sofredor. Mesmo as autoflagelações dos cristãos são consequências que se baseiam psicologicamente na sua concepção religiosa. Como não se sentiria contente de crucificar a si ou aos outros aquele que tem sempre em mente a imagem do crucificado? (...) “Deus sofre” não significa em verdade nada mais que: Deus é um coração. O coração é a fonte, o cerne de todo sofrimento. Um ser sem sofrimento é um ser sem coração. O mistério do Deus que sofre é então o mistério do sentimento; um Deus que sofre é um Deus sensível ou sentimental. Mas a frase: Deus é um ser sensível é apenas a expressão religiosa da frase: o sentimento é de natureza divina (FEUERBACH, 2007, p.88).

A cruz associada à religião cristã está presente em vários textos bíblicos, como, por exemplo, nas citações abaixo:

Em seguida, Jesus disse a seus discípulos: Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me. (Mt 16: 24)

Quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim.
(Mateus 10:38)

E quem não carrega sua cruz e me segue não pode ser meu discípulo.
(Lucas 14:27)

Quanto a mim, não pretendo, jamais, gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo. (Gálatas 6:14)

Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o Evangelho; e isso sem recorrer à habilidade da arte oratória, para que não se desvirtue a cruz de Cristo. A linguagem da cruz é loucura para os que se perdem, mas, para os que foram salvos, para nós, é uma força divina. (I Coríntios 1,17-18)

Mas nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos; mas, para os eleitos - quer judeus quer gregos - força de Deus e sabedoria de Deus. (I Coríntios 1, 23-24)

Entre tantos significados, aos cristãos a cruz sinaliza nuances de sua identidade através da disposição horizontal e vertical de suas hastes. A horizontalidade remete ao caminhar de Jesus e à base que sustentou seus braços durante a crucificação. Já a verticalidade aponta o destino das pessoas: o céu e a vida eterna.

O sinal da cruz abre as portas do cristianismo, porque é através dele que as pessoas são batizadas. A prática, uma das mais conhecidas das religiões cristãs, pontua instantes de oração, bênção, proteção, purificação e etc. O sinal pode ser feito por sacerdotes ou por devotos. Ele reconcilia o homem com Deus, consigo próprio e com seus semelhantes.

Cruzes fincadas em beiras de estradas apontam o local onde pessoas perderam a vida e, em alguns casos, indicam também o potencial destas regiões para acidentes. Em nossa cultura, esses símbolos postados no solo determinam estado de finitude, seja ele real ou metafórico. Ao redor de uma cruz pode haver uma sepultura ou a sinalização de que algo considerado maléfico tenha ocorrido.

A cruz, entre outros tantos símbolos, demarca a fronteira entre o mundo das comunidades e o do sagrado. Ela age também como elo entre estes dois universos. A compreensão relativa do sagrado sugere sua perpetuação. A violência, a morte e os homens distantes deste universo, fazem emergir esta outra atmosfera transcendente. Dissertamos neste momento sobre as especificidades de uma fronteira porosa que tanto separa um território de outro, como os conecta.

O símbolo também obteve grande visibilidade na época das cruzadas em que a Igreja organizava expedições com intuito de reunificar o mundo cristão. Por trajarem vestimentas com uma grande cruz estampada no peito os participantes destas expedições ficaram conhecidos como cruzados. Ricardo I, rei da Inglaterra, considerado um dos personagens mais importantes a idade média, foi o líder da Terceira Cruzada⁶¹.

⁶¹ Fonte: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/28205/hoje+na+historia+1199+-+morre+o+controverso+monarca+ingles+ricardo+coracao+de+leao.shtml> - Acessado em 1/07/14 às 20h.



IMAGEM 31- Rei Ricardo I, conhecido como Ricardo Coração de Leão⁶²

Para conquistar a América e subjugar suas comunidades os espanhóis impuseram uma nova ordem que obrigava aquelas populações a se submeterem ao seu idioma, aos seus valores, à sua lei e ao cristianismo. Os nativos eram, aos olhos dos conquistadores, considerados seres inferiores, desprovidos de fé. Segundo o poeta Pablo Neruda, três elementos foram responsáveis pela dominação espanhola: a cruz, a espada e a fome.

Os padres jesuítas não apenas propagaram o cristianismo, mas também defenderam a presença dos espanhóis na região⁶³. Valores religiosos também foram disseminados em comunidades indígenas no Brasil através dos portugueses. A primeira missa celebrada no país (em Porto Seguro, Bahia, em 26 de abril, de 1500) foi retratada por Victor Meirelles no quadro intitulado *A Primeira Missa no Brasil*. Na obra, além de conquistadores, indígenas e religiosos, observamos em destaque uma cruz em grande dimensão sobre todos os personagens retratados.

⁶² Fonte: <http://www.ohistoriante.com.br/normandia.htm> - Acessado em 1/07/14 às 20h.

⁶³ Fonte: EINSENBURG, José As Missões Jesuíticas e o Pensamento Político Moderno. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2000



IMAGEM 32 - A primeira missa, de Victor Meirelles⁶⁴.

Martín-Barbero, em seu livro *Dos meios às mediações*, defende a tese de que o povo latino americano foi suprimido por seus colonizadores. Esse processo baseou-se no conceito de hegemonia desenvolvido por Antônio Gramsci.

A hegemonia nos permite pensar a dominação como um processo entre sujeitos onde o dominador intenta não esmagar, mas seduzir o dominado, e o dominado entra no jogo porque parte dos seus próprios interesses está dita pelo discurso do dominador. E, segundo elemento que nos traz Gramsci com o conceito de hegemonia, é que essa dominação tem que ser refeita continuamente, tanto pelo lado do dominador como pelo do dominado. (BARBERO, 1995, p. 52)

Como podemos observar, este modelo de dominação alia técnicas de sedução com interesses implícitos no discurso do dominador. Para se manter eficiente, esse processo precisa ser reformulado de forma contínua. Nesta obra, Barbero desloca o campo da comunicação à perspectiva cultural. Sua ênfase recai sobre a figura do receptor da mensagem que deixa de ser um mero decodificador do que é imposto pelos emissores. Para o autor, ele produz novos significados.

⁶⁴ Fonte: <http://www.museus.gov.br/tag/primeira-missa/> - Acessado em 1/07/14 às 20h.

Observemos agora um exemplo de utilização do símbolo em narrativas cinematográficas. O vampiro, personagem sempre atualizado pelo cinema, teme a cruz porque ela representa a fé, interpretada por ele como o maior poder do homem. Seu desejo insaciável pela carne ameaça o curso reprodutivo da sociedade. O vampiro é gerado a partir da mordida de outro vampiro e além de estar à margem da sociedade, ele sugere a substituição de uma sociedade por outra.

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha, ao se portar de forma neutra diante de questões políticas e militares, consegue exercer suas atividades. No entanto para possibilitar maior segurança das pessoas que desempenham ações humanitárias e às vítimas de catástrofes e conflitos, foram criados alguns símbolos para que a entidade seja prontamente reconhecida quando estiver em ação: a cruz vermelha, o crescente vermelho e o cristal vermelho⁶⁵.

Diversos países adotaram a cruz como símbolo para estampar sua bandeira, entre eles: Dinamarca, Suécia, Finlândia, Noruega, Inglaterra, Islândia e Suíça. A cruz nórdica (ou Escandinava), utilizada por todos os países nórdicos em suas bandeiras, simboliza o cristianismo. Embora partilhem do mesmo padrão, cada uma delas tem simbolismo próprio.

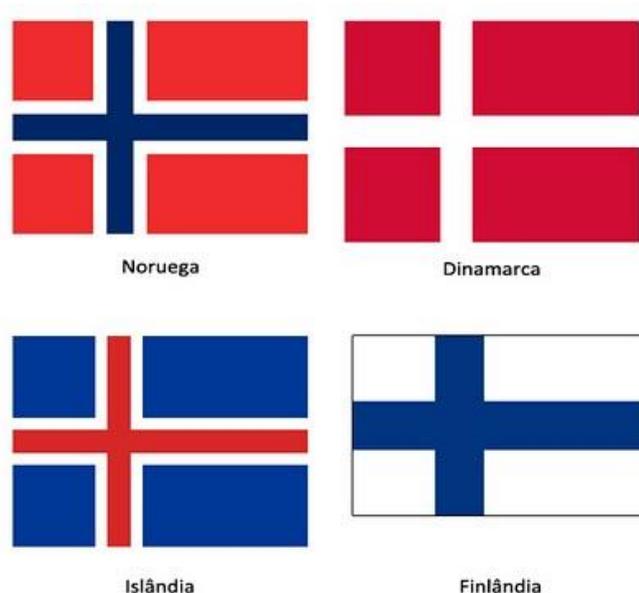


IMAGEM 33- A cruz representada em bandeiras de países nórdicos⁶⁶

⁶⁵ Fonte: <http://www.icrc.org/por/who-we-are/> - Acessado em 7/07/14.

⁶⁶ Fonte: <http://brasilnojamboree.blogspot.com.br/2010/08/bandeira-da-suecia.html> - Acessado em 7/07/14.

3.3. Repercussões

A partir da década de 2000, ONGs e entidades de classe, entre outras instituições, passaram a organizar manifestações de protesto por meio de cruzes na praia mais famosa do Brasil, como podemos observar neste levantamento:

I) 18/ 03/ 2007

700 cruzes fincadas na praia de Copacabana pela ONG Movimento Rio de Paz.

Motivo do protesto: número estimado de mortos, vítimas da violência, nos primeiros dois meses do ano no Rio de Janeiro.



Fonte: Daniel Ramalho (*Correio Brasiliense*)

II) 01/ 02/ 2008

586 cruces fincadas na praia de Copacabana pela AME – RJ (Associação dos Oficiais Militares Estaduais do Rio de Janeiro).

Motivo do protesto: número de policiais mortos em serviço entre 2003 e 2007.



Fonte: Sergio Moraes (Reuters/ *Folha.com*)

III) 16/ 12/ 2009

1735 cruces fincadas na praia por Beneficiários do Fundo de Pensão Aerus.

Motivo do protesto: contra a lentidão do Governo para a assinatura do acordo que iria resolver os problemas dos mais de 20 mil beneficiários (aposentados, pensionistas e profissionais na ativa) do Fundo de Pensão Aerus. As 1735 cruces de madeira simbolizaram os beneficiários falecidos desde a implantação do Fundo em 1982.



Fonte: Fabio Motta (*Agência Estado*)

IV) 11/ 05/ 2011

2000 cruzes fincadas na praia de Copacabana pela CDP (Comissão de Defesa Popular).

Motivo do protesto: contra a lentidão na reconstrução das cidades destruídas pela chuva na região serrana do Rio.



Fonte: Murilo Rezende (Futura Press/ Terra)

V) 01/ 11/ 2011

Uma cruz fincada na Praia de Copacabana pela ONG Rio de Paz.

Motivo do protesto: a cruz preta anteriormente fincada na Praia de Icaraí, em Niterói, simbolizando o protesto pelo assassinato da juíza Patrícia Acioli foi posteriormente fixada em Copacabana para cobrar agilidade no julgamento dos policiais militares acusados de matar e ocultar o cadáver da engenheira Patrícia Amieiro.



Fonte: Monica Garcia (Terra)

VI) 4/ 12/ 2011

49 cruzes fincadas na Praia de Copacabana por profissionais de educação e alunos de escolas estaduais noturnas.

Motivo do protesto: fechamento de escolas estaduais noturnas.



Fonte: Sem crédito (site do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do RJ)⁶⁷

VII) 31/07/2012

10 cruces fincadas na areia (com ursinhos de pelúcia) por membros da ONG Rio de Paz.

Motivo do protesto: morte da menina Bruna da Silva Ribeiro, baleada durante ação do Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais) no morro da Quitanda, em Costa Barros, zona norte do Rio de Janeiro.

⁶⁷ <http://sepe4.blogspot.com.br/2011/12/protesto-na-praia-de-copacabana-contr.html>
“Acessado em 10/12/2013 às 22h”.



Fonte: Rodrigo Vianna (G1)

IX) 22/ 06/ 2013

500 bolas de futebol pintadas com cruces vermelhas espalhadas na areia por membros da ONG Rio de Paz.

Motivo do protesto: meio milhão de homicídios ocorridos no Brasil nos últimos 10 anos.

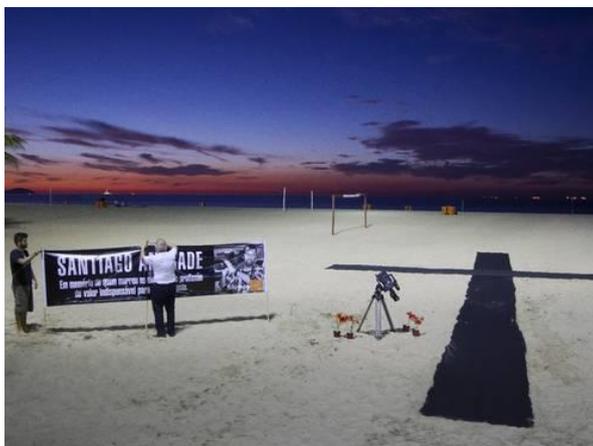


Fonte: Alba Valéria Mendonça/ G1

X) 13/02/2014

Uma cruz preta de quinze metros estendida na praia por membros da ONG Rio de Paz.

Motivo do protesto: homenagem ao cinegrafista Santiago Andrade, da TV Bandeirantes, morto após a explosão de um rojão enquanto trabalhava na cobertura de um protesto contra o aumento das passagens de ônibus no Rio de Janeiro.



Fonte: Fernando Quevedo / Agência O Globo

XI) 7/05/2014

12 bolas de futebol adornadas com uma cruz vermelha em fita adesiva e uma cruz de madeira.

Motivo do protesto: A morte do menino Vitor Gomes Bento de oito anos, baleado na cabeça no Morro dos Macacos, na Zona Norte do Rio, enquanto tentava fugir do confronto entre traficantes e a polícia. Cada bola representa o nome de uma criança vitimada pela violência desde o ano de 2007.



Fonte: Página da ONG Rio de Paz no Facebook⁶⁸

3.3.1. Mise-en-scène

A quantidade de cruzes, a disposição das mesmas na areia, o uso de objetos adicionais, como bolas e bonecas, e a temática de cada edição são os pontos de distinção entre as manifestações. Entre seus pontos há em comum o alvo destas ações: a mídia.

⁶⁸ <https://www.facebook.com/ONGRiodePaz?fref=ts> “Acessado em 12/12/2013, às 22 h

As manifestações bem sucedidas não são necessariamente as que mobilizam o maior número de pessoas, mas as que atraem maior interesse entre os jornalistas. Exagerando apenas um pouco, poder-se-ia dizer que cinquenta sujeitos inteligentes que conseguem obter cinco minutos na TV para um happening bem-sucedido podem produzir um efeito político comparável ao de meio milhão de manifestantes. (BOURDIEU, Pierre, 1994)

Os organizadores dos eventos repetem um modelo consagrado de protesto realizado num local que extrapola a condição de ser apenas uma praia famosa. Os manifestantes, ao escolhê-la como palco, conseguem chamar a atenção dos veículos de comunicação pelo fato de a praia possuir, por suas características já dissertadas no primeiro capítulo desta investigação, um grande potencial midiático. Dessa forma, tanto os manifestantes quanto os profissionais de imagem (fotógrafos e cinegrafistas) tiram proveito de todos os contextos que envolvem a conjugação cenário X cruces.

A Cruz Latina é modelo utilizado pelos manifestantes que praticam o tipo de protesto desta investigação. Apesar deste símbolo cristão simbolizar o sacrifício de Jesus, sua ressurreição e a vida eterna, ele também alude à morte. No caso das manifestações listadas neste capítulo, a expressão de finitude reclama da morosidade do Estado ou de determinada atitude do mesmo para resolver uma questão. Nas ocasiões em que nomes de pessoas são citados, ou em que a quantidade de cruces seja uma referência a determinado número de vítimas de ocorrências violentas ou de desastres naturais, como enchentes ou deslizamentos de terras, nos deparamos com um ritual e não com um cemitério a céu aberto.

A função do ritual é “purificar” a violência, ou seja, “enganá-la” e dissipá-la sobre vítimas que não possam ser vingadas. Como o segredo de sua eficácia escapa-lhe, o ritual tenta compreender sua própria operação no nível de substâncias e de objetos capazes de oferecer pontos de referências simbólicos. (GIRARD, 1990, p. 53)

Contrários ao fluxo da violência que devasta a vida humana e o bem-estar dos indivíduos, os rituais que fazem contraponto a ela, conseguem pacificar o espírito de seus receptores. Eles impedem a vingança através de meios que proporcionam sua diluição como objetivo inicial. A justiça institucional consegue o mesmo resultado através da imposição de instrumentos racionais. Numa sociedade primitiva, sem o aparato da justiça formal, o sentimento de vingança reinaria de forma absoluta. Esta dinâmica ocorreria da mesma forma das ocorrências epidemiológicas. Neste

contexto, os rituais religiosos, ao proporem o fim da propagação da violência, estariam ofertando também o retrocesso destas “impregnações”.

As manifestações por meio de cruzes realizadas frequentemente na Praia de Copacabana não convocam simpatizantes às causas em questão. Esta modalidade de protesto coaduna o simbolismo das cruzes com o texto cultural do palco que sedia os eventos. As imagens publicadas em jornais e em sites mostram grandes quantidades de cruzes sem abrir mão do cenário onde tudo acontece. Uma das regras básicas para a realização de uma fotografia é a busca pelo seu enquadramento. Um dos caminhos para se chegar a esse resultado é imaginar a imagem cortada por nove retângulos justapostos em fileiras de três e, em seguida, apertar o botão. Todo contexto da imagem deve constar neste espaço e não apenas no centro dele. No caso de paisagens, a fotografia pode seguir por dois caminhos. Privilegiar o céu, que pode estar em dois terços da imagem. Ou escolher a terra para ser o objeto desta proporção. No caso das imagens dos protestos que constam nesta investigação, as areias onde estão as cruzes, protagonizam o enredo fotográfico. A sequência de cruzes fincadas na areia, que podem gerar monotonia aos receptores da mensagem, é quebrada com faixas dos organizadores dos eventos, alegorias (bolas de futebol, bonecos, etc.) e com pessoas caminhando ao fundo. Em todas as imagens fica claro que os eventos estão sendo realizados na Praia de Copacabana.

Toda imagem é uma representação em duas dimensões de um objeto, personagem ou cenário, em três. Assim, é fundamental a escolha de um plano de imagem para a obtenção da ideia de profundidade. Um objeto ou personagem próximo ao assunto principal, no caso as cruzes, como os banhistas ao fundo já citados anteriormente, potencializam a sensação de distância na imagem. Outro recurso para valorizar a profundidade é a captação de perspectiva. Tamanho e quantidade de cruzes, objetos colocados juntos a elas, dizeres e números são recursos utilizados pelos organizadores dos protestos para recrudescer a dramaticidade dos eventos.

Apesar do apelo religioso, o uso de cruzes para delinear protestos na Praia de Copacabana não deve ser observado como ritual sagrado, porque em nenhum momento os eventos propõem ao público *in loco* e ao principal, os receptores das mensagens que as recebem através de jornais, sites e televisão, o deslocamento do olhar inteligível para o olhar sensível. Assim, podemos dizer que as cruzes em questão não evocam a submersão ao universo desconhecido, no caso, o sagrado. Ou seja, o público que consome estas informações visuais não é convidado a se confrontar com duas realidades. Assim, podemos concluir que estas cruzes estão “descontaminadas” das forças do sagrado. *“O sagrado é tudo o que domina o homem, e com tanta e mais certeza quanto mais o homem considere-se capaz de dominá-lo.”* (GIRARD, 1990, p. 46).

As cruzes de Copacabana não sinalizam que uma violência tenha ocorrido ali, nem carregam determinada força oculta. Fixadas nas areias da praia, elas passaram a compor o cenário do palco, foco desta investigação, a partir da segunda metade da década de 2000. Esse tipo de manifestação conta com um dos pilares de sustentação da atividade teatral, a concepção de um universo. “*A obra teatral, como toda obra artística, supõe um universo*” (SOURIAU, 1993, p.14) E como aponta Souriau, o universo dramaturgico não precisa ser necessariamente o histórico, citando *A tempestade*, de Shakespeare.

Tenho que aceitar uma ilha misteriosa, um príncipe deposto e um hábil mágico, um usurpador, irmão do anterior... em suma, todo um passado também (embora imaginário), com suas genealogias e acontecimentos políticos complicados, supostamente ocorridos há muito tempo. E depois, criaturas estranhas, Ariel, Calibã... Isso será o mundo real. (SOURIAU, 1993, p.14)

As cruzes fixadas na Praia de Copacabana, como já dissemos, não convocam os receptores das mensagens a entrarem no mundo sensível. Neste tipo de manifestação de protesto, “*a permanência do olhar vincula-se, portanto, à unicidade do real.*” (OLIVEIRA, 2004, p.121). Ou seja, trata-se de um simulacro de encenação. O simulacro não precisa ser, necessariamente, o avesso do real. Ele pode ser uma realidade diferente daquela que simula. No caso das manifestações de protesto por meio de cruzes, trata-se de um signo autorreferente por se referir exclusivamente a si mesmo. Falamos aqui de uma ilusão da aparência. Não há profundidade. “O simulacro apaga a contradição entre o real e o imaginário” (BRAUDILLARD, 1996, p. 65,67). Sob a perspectiva do sagrado, as cruzes em questão não se apresentam como elo entre o conhecido e o desconhecido. Assim, elas podem ser vistas também como simulacros, diante do fato de que as cruzes estão fincadas naquelas areias profanas para se referirem ao sagrado.

Para finalizar, podemos afirmar também que o formato das manifestações de protesto por meio de cruzes que ocorrem frequentemente na Praia de Copacabana, traz à tona o conceito de *événement*, noção abordada por vários autores, como Pierre Nora. No artigo, *L'événement monstre*, publicado na revista *Communications*, em 1970, Nora aponta que os acontecimentos projetados através da mídia ganham ares “monstruosos” ao se apresentarem redimensionados em larga escala. “*Nas nossas sociedades contemporâneas é por intermédio deles [dos mass media] e somente por eles que o acontecimento marca a sua presença e não nos pode evitar*” (NORA, 1988, p.181). O historiador observa a existência de uma fronteira entre o chamou de acontecimento natural e acontecimento monstro.

Flavia Bancher, em seu livro *A queda do muro de Berlim e a presentificação da história* (Atelé Editorial, 2003) percorre as revisitações ao acontecimento que dá nome à sua obra. Este

acontecimento em questão se oferece incompleto por suscitar um diálogo com o passado e com o futuro. Assim, este readquire uma nova vida.

A palavra *événement* carrega em si, então, um complexo jogo de temporalidades: algo está acontecendo (processo), teve uma origem (pretérita, mas com ecos que permanecem), resultou em algo (presente) e anuncia o que está para acontecer (provém do antigo verbo *avenir*; *aérer*; *de vent*, “*lê temps à venir*” (BANCHER, 2003, 19).

Nossa última consideração sobre esta modalidade de protesto observa o apelo elíptico contido nas cruces, onde vigora um amplo espaço de liberdade semiótica que propõe ampla possibilidade de leituras. Lembremos que as elipses não determinam, apenas sugerem algo através de espaços de indeterminação.

CONCLUSÕES FINAIS

A partir do final do século 20, passamos a conviver com um cenário de derrocada de ideias e ilusões, fruto de alguns fatores que incidiram no estabelecimento de novas ordens e desordens impostas à sociedade. Neste contexto, podemos destacar o fim do confronto entre o capitalismo e o socialismo, economia globalizada, penetração política de organizações transnacionais, forte incremento tecnológico, advento da internet, entre outros. Em suma, caíram por terra várias texturas de valores, sistemas e costumes. No entanto, as comunidades continuam impregnadas de ideais de justiça e liberdade. Daí é retirado o combustível de todas as manifestações de protesto.

Diante da quantidade de deslocamentos paradigmáticos, observamos que as manifestações por meio de cruzeis ocorridas na praia de Copacabana coadunam o estabelecimento de uma nova forma de protesto com a escolha de um palco midiático para realização das mesmas. Este encontro foi vital para o sucesso destas iniciativas.

Como estas manifestações de protesto não contam com pessoas que geram a massa, trouxemos à tona o valor intrínseco na composição entre palco e cruzeis. Acreditamos estar aí sumo desta investigação.

Ao relacionar este modelo de contestação ao *evenement*, podemos observar que cada evento, além de dialogar com os respectivos acontecimentos, os refaz em suas infinitas dobras. Refiro-me aqui ao potencial elíptico das cruzeis em conjugação com a praia de Copacabana e dos fluxos e refluxos de memória e esquecimento.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. *Coleção "Os pensadores"*. Nova Cultural: São Paulo, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BANCHER, Flavia. *A queda do muro de Berlim e a presentificação da história*. São Paulo: Ateliê Editoria, 2003.
- BAUDRILLARD, J. *A troca simbólica e a morte*, São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CAMUS, Albert. *O estrangeiro*, São Paulo: Editora Record, 2004.
- CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- DAMAZIO, Sylvia F. *Retrato Social do Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- DESCARTES, René, *O discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 1996
- ENDERS, Armelle. *A história do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2008.

ESPINOSA, Baruch, *Coleção Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1983.

FAUSTO, Boris, *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Editora, 2008.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GRAMSCI, Antonio, *Cadernos do Cárcere*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HARDT, Michael e NEFRI, Antonio, *Multidão- Guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

JUNG, Carl Gustav. *JUNG*. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

KANT, Immanuel, *Fundamentação da metafísica dos costumes*. São Paulo: Edições 70, 2007

LOTMAN, Iuri. *La Semiosfera II, Semiótica de La Cultura, Del texto, de La conducta y del espacio*. Ediciones Cátedra, 1998.

MACEDO, Joaquim Manoel de, *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. DF: Edições do Senado Federal, 2005.

MARX e ENGELS. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Ed. Vozes, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich, *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____, *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NAVES, Rodrigo, *A forma difícil. Ensaios sobre arte brasileira*. São Paulo, Editora Ática, 2007.

NOVAES, Adauto (org), *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Editora Senac, 2004.

O' DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana. Culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PARK, Robert. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In Velho, Octávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Guanabara: Rio de Janeiro, 1987.

PEIRCE Charles S. *Semiótica*, São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

PINHEIRO, Amálio. *O meio é a mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

PIRES Ferreira, Jerusa. *Armadilhas da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

SOURIAU, Etienne. *As duzentas mil situações dramáticas*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

TOURAINÉ, Allan, *El sujeto. Un nuevo paradigma para comprender el mundo de hoy*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

WOOD, Ron. *Ronnie. A autobiografia de um rolling stone*, Generale, 2012.

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e Nomadismo: entrevistas e ensaios*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.